

# NOVOS RUMOS

ANO II Rio de Janeiro, semana de 30 de setembro a 6 de outubro de 1960 N° 83

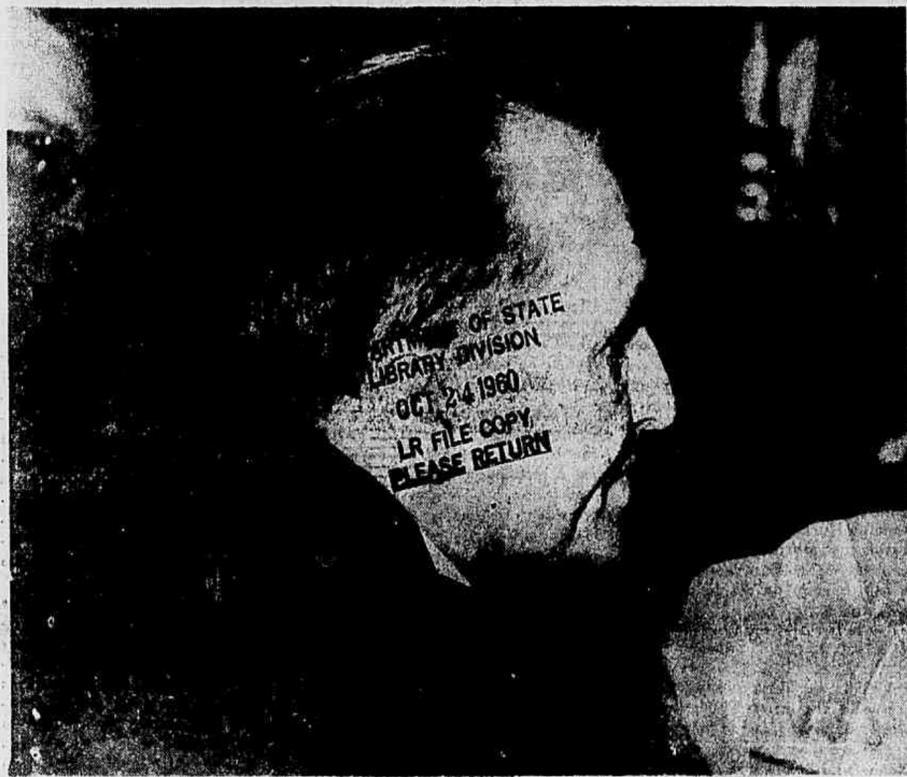
Diretor Executivo — Orlando Bomfim Jr. Diretor — Mário Alves Redator-Chefe — Fragmon Borges

**Kruschiov na ONU:  
Estados Unidos  
Caem na Defensiva**

Texto na 7ª pág. do 1º cad.

PELA VITÓRIA DE LOTT E JANGO:

## PRESTES FALA A 120 MIL PESSOAS EM RECIFE, FORTALEZA E P. ALEGRE



EM SUA VISITA, semana passada, a Recife, Fortaleza e Pôrto Alegre, Luiz Carlos Prestes realizou os maiores comícios de que já se teve notícia naquelas cidades, falando para mais de 120 mil pessoas, que aplaudiam, com entusiasmo, a palavra do estimado líder popular e dirigente comunista. No Recife, 50 mil pessoas se concentraram na praça Dantas Barreto e ruas adjacentes, transformando o comício de Prestes na maior manifestação popular a um homem público nesses últimos 10 anos. Prestes explicou às massas as razões do apoio dos comunistas às candidaturas do marechal Lott e do sr. João Goulart, ao mesmo tempo que desmascarou o caráter entreguista e demagógico da candidatura Jânio Quadros. (3a. pág. do 1o. cad)

Salário Mínimo

a partir de

1º de outubro

OS NOVOS níveis de salários mínimos deverão entrar em vigor no próximo dia 1º de outubro. Ainda esta semana, o presidente Juscelino Kubitschek assinará o Decreto. Para o Rio, o novo salário mínimo será de 9.600 cruzeiros, e para São Paulo será de 9.440 cruzeiros. Isto foi o que decidiram ontem, na capital paulista, milhares de trabalhadores em assembleia que contou com representantes dos patrões e com o ministro do Trabalho, sr. Batista Ramos. Decretados os novos níveis de salário mínimo antes de 3 de outubro, como havia prometido o sr. João Goulart, os trabalhadores brasileiros conquistaram uma grande vitória. (Texto na 2ª pág.)

### JÂNIO QUADROS NO CEU



MATOGROSSENSE que se diz paulista, Vendido, com brasão nacionalista, Esse amigo de gregos e troianos Tem duas caras. Não é Jânio — é Jênus.

QUE SE DIGA em altos brados Aquilo que és, afinal: Quadros — porém de outros quadros... Jânio — mas jânio do mal.



FECHANDO a porta ao traidor, Diz São Pedro ao Padre Eterno, «Quadros» como este, Senhor, Só nas paredes do Inferno!



VENDO o caoiho chegar, A vassoura sob a axilla, São Pedro, com voz tranqüila, Sentenciou na mesma hora: — A vassoura pode entrar... O lixo fique lá fora!

(Colaboração do leitor B.N.)

### As Urnas, Para a Vitória

LUIZ CARLOS PRESTES

ENCONTRAMO-NOS às vésperas do momento final em que cada eleitor depositará seu voto na urna. Estará, então, feita a escolha. E essa escolha poderá, sem dúvida, ter uma influência decisiva para os destinos de nosso povo.

O MUNDO está atravessando uma época de grandiosas transformações. O socialismo que, há pouco mais de 40 anos, existia apenas como teoria e bandeira de luta, tornou-se primeiro vitorioso num único país e, depois, num conjunto de países. Hoje, é um sistema triunfante, cada vez mais poderoso materialmente e influindo cada vez mais no pensamento de todos os homens. No futuro, substituirá em toda parte o capitalismo, que já agoniza.

NO QUADRO do mundo que está radicalmente se transformando, a libertação dos povos coloniais e dependentes ocupa um lugar destacado. E tal é o poder dos fatos que aquilo que antes era afirmado e defendido apenas pelos comunistas e outras forças avançadas agora passa a ser em geral reconhecido. É verdade que as resistências do imperialismo opressor e espoliador ainda não foram totalmente destruídas. Mas serão. E já podemos assistir a um espetáculo verdadeiramente histórico e antes inconcebível como a atual assembleia geral da ONU. Os antigos «donos do mundo», os imperialistas norte-americanos, perdem o controle dos acontecimentos, passam a cortejar hipocritamente povos que consideravam bárbaros e são forçados a ouvir, frente a frente, o vigoroso e justo libelo de Fidel Castro, chefe revolucionário da pequena e indomável Cuba, cujo governo, pela primeira vez na história, «passou a falar por conta própria e não a mando do embaixador dos Estados Unidos.»

É DENTRO dessa realidade que o povo brasileiro vive e luta. Temos um caminho ainda a percorrer, que poderá ser longo ou curto. Mas não estamos marcando passo. O movimento democrático e patriótico avança. Ai estão as conquistas dos trabalhadores que, contra todas as manobras, saíram com sua unidade fortalecida do III Congresso Nacional Sindical

e exercem influência crescente na vida do país. A passeata dos 5 mil camponeses, no Recife, revela com clareza que nossos irmãos do campo não estão adormecidos. A I Convenção Nacional do Movimento Nacionalista deu uma medida da amplitude já atingida pelas forças ativamente empenhadas em que o Brasil conquiste completa independência econômica e política.

AS ELEIÇÕES de 3 de outubro representam um momento de grande importância nas lutas de nosso povo. A vitória da chapa nacionalista Lott-Jango marcará um novo passo no caminho da luta pela emancipação completa do Brasil, no caminho da luta pelo progresso e a felicidade de nosso povo. A vitória nacionalista será nova e significativa derrota das forças interessadas em manter o Brasil na dependência e no atraso, explorado pelos monopólios norte-americanos e submisso a política por eles imposta.

DESDE fins do ano passado, nós, comunistas, nos decidimos a apoiar e a lutar pela vitória da candidatura Teixeira Lott — um patriota honrado que já uma vez, em momento decisivo da vida de nosso povo, soube colocar-se contra os monopólios norte-americanos e seus agentes em nosso país, como aconteceu em 11 de Novembro de 1955. E também nos decidimos a apoiar e lutar pela vitória da candidatura do sr. João Goulart, que é presidente de um partido com base entre os trabalhadores, o PTB, e que, como homem do governo, tem se colocado sempre ao lado dos trabalhadores em suas lutas reivindicatórias.

ESTAMOS a poucos dias do pleito. Não há tempo a perder. Aproveitemos todos os momentos que ainda restam. O inimigo, gozando das facilidades que o dinheiro fácil dos trustes lhe proporciona, há de redobrar seus esforços para enganar nosso povo. Intensifiquemos, de nossa parte, o trabalho de esclarecimento. E caminhemos para as urnas e para a vitória, com a certeza de que, eleitos os candidatos nacionalistas, mais ampla será o caminho da luta de nosso povo pela sua emancipação.

SINDICATOS EXIGEM

# Novo Salário Mínimo em Outubro: JK Promete

As vigorosas manifestações pela elevação dos atuais níveis de salário-mínimo, que tiveram lugar em todo o País, nesta última semana, levaram os srs. Juscelino Kubitschek, João Goulart e Batista Ramos a assumirem o compromisso de promoverem a decretação dos novos níveis salariais até 1.º de outubro próximo, na base de 50% sobre os atuais.

Reuniões em São Paulo

São Paulo transformou-se no centro dos entendimentos para a fixação dos novos níveis salariais. O ministro do Trabalho, sr. Batista Ramos, vem mantendo contato quase que diário com os líderes sindicais na Capital paulista. Os entendimentos estão se fazendo em torno das propostas de 50%, do ministro, e de 70%, dos trabalhadores, do au-

mento sobre os atuais níveis de salário-mínimo. A elevação de 50%, segundo declarações do ministro do Trabalho, conta com o apoio das entidades empregadoras de São Paulo e dos demais Estados. Apenas os órgãos patronais do Estado da Guanabara, Rio Grande do Sul e Rio Grande do Norte mantinham-se ainda refratários quanto a elevação salarial, a partir de 1.º de outubro, na base de 50%.

Demagogia das confederações

No encontro dos dirigentes sindicais com o presidente da República, em Brasília, conforme noticiamos em nossa edição anterior, os membros da Comissão Executiva do III Congresso Sindical Nacional propuseram ao presidente JK a decretação, em caráter de emergência, de uma elevação geral de

70% sobre os atuais níveis de salário mínimo em todo o País. Com esta proposta estiveram de acó as representações do CNTE, CNTC e CBT.

Na reunião realizada em São Paulo, na semana passada, os representantes das três Confederações mudaram de opinião. A propósito do assunto a reportagem de NR ouviu o presidente do Sindicato Nacional dos Aeronáuticos, e membro da Comissão Executiva do III Congresso, que declarou: «É de admirar que esses senhores, logo depois de seu regresso da reunião realizada nos Estados Unidos da América, tenham mudado de opinião, e passem a reivindicar um aumento de 100% nos atuais níveis de salário-mínimo. Esta proposta — continuou o líder aeronáutico — tem o objetivo claro de torpedear a imediata decretação dos atuais níveis de salário-mínimo. Eles não têm coragem de se colocar frontalmente contra a reivindicação plenamente realizável dos trabalhadores, e escondem sua reação sob uma proposta demagógica que eles sabem não poderia ser adotada antes de 1.º de outubro. A decretação dos novos níveis na base de 70%, para entrar em vigor a partir de 1.º de outubro, em caráter de emergência, não exclui o prosseguimento, pos-

teriormente, da luta por um novo reajustamento em todo o País.

«O que queremos agora, e agora mesmo, é um salário de emergência, pois a nossa experiência mostra que, se não conseguirmos o novo salário antes de 3 de outubro, dificilmente o conseguiríamos antes da posse dos novos eleitos, o que seria um golpe de consequências imprevisíveis para a massa trabalhadora. Talvez que o desejo dos membros das citadas Confederações seja justamente o de provocar uma situação difícil para o Governo e os trabalhadores, situação — concluiu — que só interessa aos inimigos da nossa Pátria».

Em Outubro nas livrarias: **BRASIL SÉCULO XX** Rui Facó Uma interpretação marxista da atualidade brasileira Editorial Vitória



Estivadores

querem aumento

Representantes de todos os sindicatos do estivagem do País (55) estiveram reunidos nesta capital, na Federação Nacional dos Estivadores, querendo aumento, férias, abolição da estiva livre, etc.



Trabalhadores nas direções dos IAPs

Falando à reportagem de NOVOS RUMOS (foto) o dirigente sindical Waldemar Alves esclarece todo o processo a ser seguido para a escolha dos representantes dos trabalhadores no Colégio de que dirigirá os IAPs.

## Outubro: Eleições nos IAPs Trabalhadores Vão Dirigir Institutos de Previdência

Logo após a realização do pleito eleitoral de 3 de outubro, os trabalhadores de todos os setores profissionais irão eleger os seus representantes junto aos órgãos administrativos dos Institutos de Aposentadoria e Pensões.

A propósito dessas eleições, através dos quais os contribuintes dos IAPs se integrarão na direção de suas entidades de previdência, nossa reportagem ouviu o dirigente sindical Waldemar Alves, que foi um dos representantes das massas trabalhadoras na comissão que regulamentou a Lei Orgânica da Previdência Social. Iniciando suas declarações, afirmou: «Depois de 3 de outubro, cada sindicato de empregado e de empregador deverá convocar assembleia geral para eleger o seu delegado-eleitor e respectivo suplente. Realizadas essas assembleias, os delegados-eleitores, representantes de todos os sindicatos elegerão, por sua vez, as Juntas de Julgamento e Revisão das respectivas Delegações dos IAPs no Estado. Essas Juntas — prossegue o sr. Waldemar Alves — são compostas de um delegado indicado pelos conselhos de administração de cada Instituto, um eleito pelos sindicatos de empregados e outro pelos sindicatos de empregadores, e de seus respectivos suplentes.

«As JJR — continua — têm a finalidade de propiciar mais rapidez no exame dos recursos interpostos pelos contribuintes. Os recursos sobre benefícios e auto de infração, que antes eram julgados pelos conselhos fiscais passarão a ser julgados pelas JJR.»

Os conselhos de administração

«Também nos primeiros dias de outubro — continua o sr. Waldemar Alves — serão baixadas as instruções destinadas a orientar o processamento das eleições para os Conselhos de Administração dos Institutos. Recebidas essas instruções, o conselho fiscal de cada Instituto se reúne, sob a direção do presidente do Conselho, e elegerá dois representantes de empregados e dois de empregadores. Os dois outros representantes oficiais serão de livre escolha do Governo. O conselho de administração terá seis membros quando o Instituto contar com mais de um milhão de associados, como é o caso do IAPI e IAPC, e de três membros, quando tiver menos de um milhão.»

O conselheiro Waldemar Alves salientou para a reportagem de NR que apenas essas primeiras eleições para

os CA, serão realizadas entre os membros dos atuais conselhos fiscais; as futuras serão feitas diretamente pelos Sindicatos.

Os órgãos colegiados

«A participação dos contribuintes será efetiva em todos os órgãos ligados à previdência social, daí a responsabilidade dos dirigentes sindicais e das massas trabalhadoras, na eleição dos seus representantes. Já abordamos o processo de eleições nos JJR e nos conselhos de administração. Para a representação nos demais órgãos, as Confederações Nacionais de empregados e de empregadores se reunirão e elegerão três representantes de cada entidade, as federações nacionais não confederadas elegerão dois representantes cada uma, e os sindicatos não confederados elegerão um representante cada um. Promovidas essas eleições, prossegue o sr. Waldemar Alves, teremos o colegiado que elegerá, entre si:

- 1) dois representantes de empregados e dois de empregadores para o Departamento Nacional de Previdência Social;
- 2) três representantes de empregados e três de empregadores para

o Conselho Superior da Previdência Social;

3) um representante de empregados e um dos empregadores para o Conselho de Administração do SAPS e mais um de cada para o Conselho Fiscal;

4) um representante de empregado e um dos empregadores para o Conselho Fiscal do SANDU.

Eleitos esses representantes de empregados e de empregadores para os órgãos colegiados, o Governo nomeará os seus representantes, em número igual ao dos contribuintes, excetuando-se apenas os representantes junto ao CSPS, que serão de quatro para o Governo e de três para empregados e três para empregadores.»

Essa alteração se justifica, continua o sr. Waldemar Alves, porque o CNPS será desdobrado em três Câmaras de Julgamento, cada uma composta de três membros. Um outro representante do Governo terá a função administrativa, não lhe cabendo interferir nos julgamentos.

Depois do dia 5 de novembro, concluiu o sr. Waldemar Alves, todos os eleitos, bem como os nomeados pelo Governo, serão investidos em suas funções.

## Benedito Cerqueira Aos Trabalhadores: Votem em Hércules Corrêa [277]

O líder sindical Benedito Cerqueira, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, acaba de divulgar a seguinte mensagem aos trabalhadores, na qual expressa o seu apoio à candidatura de Hércules Corrêa dos Reis, secretário do Sindicato dos Têxteis, à assembleia Legislativa:

«Fui honrado com a indicação do meu nome pela Convenção do P.T.B. para concorrer às eleições do próximo 3 de outubro, a uma cadeira na Constituinte do Estado da Guanabara.

Desejo nesta oportunidade agradecer às Direções Executivas Nacional e Regional do Partido Trabalhista Brasileiro, nas pessoas de seus Presidentes João Goulart e Luthero Vargas, assim como todos os Conventuais da Guanabara, mais esta prova de confiança em mim depositada, embora me veja na contingência de declinar, por considerar:

a) Que as grandes lutas sindicais de âmbito nacional destes últimos meses, a Campanha Salarial em nosso Sindicato, o grande e ví-

torioso III Congresso Sindical Nacional, a Conferência Latino-Americana dos Trabalhadores Metalúrgicos, exigiram minha participação efetiva, impedindo-me por carência de tempo, de dedicar-me a uma campanha eleitoral em torno de meu próprio nome;

b) Que minha candidatura viria enfraquecer o eleitorado de alguns candidatos operários, registrados em várias legendas, competindo-me fortalecer estas candidaturas, para que, pelo menos um seja eleito para representar os trabalhadores na Assembleia Constituinte;

c) Que minha presença se faz necessária em diversas cidades do País, com a finalidade de levar aos trabalhadores os nomes do marechal Teixeira Lott e João Goulart, o que me obriga a afastar-me embora por pouco tempo, do Estado da Guanabara.

Considerando-se o que acima expus, facilmente compreender-se-á a retrada da minha candidatura.

Em face desta deliberação, quero comunicar a todos os que me

pela abolição da chamada «estiva livre», pela conquista do direito de férias, e da taxa de 5% destinada a assistência social aos estivadores e suas famílias.

Os trabalhadores da estiva exigem o aumento de salários e das taxas a partir de 1.º de outubro. Com o objetivo de arremessar a categoria para a conquista dessas reivindicações, e de todas as outras aprovadas pelo III Congresso Nacional de Estivadores, realizado de 1 a 10 de agosto passado, em Santos, quando ficou decidido que se realizem assembleias gerais, em todo o País, a partir do dia 25 de setembro corrente.

Solidariedade

Em nota distribuída à imprensa, após a reunião dos representantes dos sindicatos de estivadores de todo o País, a Federação Nacional da classe, relaciona as reivindicações da categoria, faz um apelo à solidariedade dos trabalhadores e do povo para sua luta, e salienta que a campanha poderá se radicalizar em todo o País, levando os estivadores a atitudes mais enérgicas, caso as suas justas aspirações não sejam atendidas por quem de direito.

Defesa de direito:

Além da luta pelo reajustamento dos salários e das taxas, os estivadores empenham-se com todo o vigor no movimento destinado a impedir que as companhias, estrangeiras ou nacionais, continuem burlando a Portaria Ministerial, a qual determina que todo o serviço de estiva e desestiva nos portos nacionais sejam efetuados, com exclusividade, pelo pessoal registrado nos quadros dos Sindicatos dos Estivadores.

Esse direito, assegurado aos estivadores sindicalizados, vem sendo burlado, notadamente nos portos de Ni-

teroi, Porto Alegre, Tutóia, Henrique Lage (Santa Catarina), e outros. No Porto do Rio, a Companhia inglesa Brazillia Coal salienta-se como a mais arrogante no desrespeito aos direitos dos estivadores.

A propósito do assunto o líder Oswaldo Pacheco, presidente da Federação Nacional dos estivadores, declarou à reportagem de NR: «As empresas recalcitrantes recebem as mesmas taxas que recebemos para o pagamento dos serviços de estiva, mas ficam com a parte do leão, e pagam uma ninharia aos trabalhadores que não são sindicalizados, que não recebem o salário profissional, e nem gozam dos demais direitos que nos são assegurados. Na verdade — prossegue Oswaldo Pacheco — a CLT determina que seja assegurado aos que, até 23 de fevereiro de 1940, estivessem legalizados na Capitania dos Portos, continuassem a fazer o serviço de estiva. Mas em todo o Brasil — continua — só quatro trabalhadores estão nessa condição. Os demais são explorados ilegalmente pelas empresas.»

## Bancários se Mobilizam Para a Greve Geral Contra a Intransigência Dos Bancos

As Federações e Sindicatos de bancários de todo o País prosseguem em ritmo acelerado na campanha pela conquista da «proposta de emergência», que assegura a todos os empregados em estabelecimentos de crédito um aumento salarial de 50%, a extinção do expediente aos sábados, a fixação do salário mínimo profissional, calculado em 50% sobre o maior salário mínimo em vigor na região, e a continuidade, dentro de 90 dias, dos estudos para elaboração do Contrato Coletivo de Trabalho.

Reação na Guanabara

Os banqueiros cariocas romperam com as negociações que vinham mantendo com os bancários, e requereram o dissídio coletivo para defender, no Tribunal Regional do Trabalho, a concessão do aumento puro e simples de 30%, que os bancários já repudiaram em assembleia realizada no Teatro João Caetano. O rompimento das negociações levou os bancários a adoção de medidas mais enérgicas, que tiveram início com uma passeata realizada na tarde do dia 22, com a participação de milhares de bancários. No dia 27, quando foi realizada a primeira audiência na TRT, dezenas de bancos tiveram as suas atividades praticamente paralisadas, porque os bancários foram assistir, de gravata preta, o julgamento do dissídio, ocorrido às 15,30, no TRT.

Greve à vista

Os bancários da Guanabara, conscientes da justiça das suas reivindicações, estão adotando todas as medidas necessárias a conquista da «proposta de emergência». As reuniões processam-se diariamente na sede do Sindicato, obedecendo a um plano de discussão que atinge a todos os 25 mil bancários cariocas. Essas reuniões, que começaram a se fazer por estabelecimentos bancários, passaram a ser mais especifi-

Direito de férias

Quanto ao direito de férias, que os estivadores jamais usufruíram, Oswaldo Pacheco esclareceu: «A CLT nos assegura esse direito elementar que até hoje nenhum de nós pôde gozar, justamente porque a Comissão de Marinha Mercante ainda não se dignou a fixar as taxas destinadas ao pagamento dos dias de férias dos nossos companheiros, que continuam trabalhando anos a fio, sem nenhum descanso prolongado e remunerado. Esperamos, entretanto, que esse assunto seja resolvido até o fim deste mês.»

«A nossa luta, concluiu Oswaldo Pacheco, é toda ela pautada nos direitos que nos são assegurados por Lei. O reajustamento de 40% que pleiteamos para os nossos salários e taxas se justificam, por outro lado, em virtude do crescimento brutal do custo da vida, reconhecido pelas próprias autoridades governamentais. Daí a nossa disposição de prosseguir num vigoroso movimento nacional, visando a imediata conquista das nossas justas reivindicações.»

Das. Desse modo, a semana passada foi dedicada exclusivamente a reunião de bancário por tempo de casa. Primeiro foi o encontro daqueles que têm até cinco anos de banco; depois, dos que têm de cinco a dez anos; finalmente, de todos aqueles de mais de dez anos.

Em todas essas reuniões ficou patenteada a decisão dos bancários de irem até a paralisação total de trabalho, caso os banqueiros continuem mantendo sua posição de intransigência face aos itens da «proposta de emergência».

Nos Estados

O líder sindical Olimpio Fernandes de Melo, secretário da Confederação Nacional dos Bancários, órgão que vem comandando a campanha dos 150 mil bancários brasileiros, declarou à reportagem de NR que a mesma disposição de luta que se verifica entre os cariocas é observada entre os demais bancários de todo o País.

As propostas de aumentos salariais em bases ridículas, que são feitas pelos banqueiros, continuam sendo repudiadas pelos bancários em todos os Estados. «A CONTEC — declarou Olimpio Fernandes de Melo — continua mantendo contato permanente com todas as entidades sindicais dos bancários, ao mesmo tempo que prossegue nos entendimentos com as autoridades, procurando superar o impasse criado pelos srs. banqueiros. Os bancários — acen-tua o secretário da CONTEC — estão unidos em todo o País, prontos para qualquer movimento mais enérgico, em defesa das suas justas reivindicações. Provam as nossas afirmações — concluiu — os comunicados que temos recebido de todos os Estados do Nordeste, de São Paulo, da Bahia, de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Estado do Rio, Minas Gerais, e demais Estados da Federação, onde prosseguem as realizações de grandes assembleias e de vigorosas manifestações públicas.»

Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1960, as. Benedito Cerqueira».

# Panorama Dos Fantasmas de Jânio só um é Verdadeiro: o da Derrota

Os atos de banditismo cometidos por Lacerda e seus capangas lanternairos na Guanabara, à semana passada, são uma nova e mais gritante demonstração do desespero que toma conta dos janistas, neste final de campanha. Invadindo e depredando com seu bando de mercenários a gráfica do IAPB e — o que é mais grave — agredindo operários indefesos que ali trabalhavam, Lacerda, além de um ato criminoso, fez o que para ele equivale a uma grosseira confissão: ele desistiu de iludir os cariocas com a fantasia de «hom moço», que até há pouco procurou vestir, e resolveu tentar a sua «chance» de vitória com sua verdadeira face de chefe nazista, à procura de um novo 24 de agosto.

Lacerda tem suas próprias razões para essa virada. Sua candidatura caíra em colapso, desde que toda a população carioca tomara conhecimento da escandalosa negociação em que ele se meteu, em torno do valioso lote da Avenida Chile. Mais do que isso, os cariocas souberam que aquele falso «campeão do moralismo», sistemática e confessadamente, embolsa os milhões de cruzeiros que arrecada de seus empregados, a título de contribuições aos IAPs. Lacerda viu-se encurralado, sem resposta para essas denúncias, fugiu para Petrópolis, e de lá voltou decidido a passar, de qualquer forma, a uma ofensiva, que até há pouco procurou vestir, e resolveu tentar a sua «chance» de vitória com sua verdadeira face de chefe nazista, à procura de um novo 24 de agosto.

Mas Lacerda é apenas um caso particular, mais agudo, do desespero geral nos arraiais janistas. Quem quer que tenha visto, ou ouvido a falação do próprio Jânio, no rádio e na TV, domingo último, terá percebido a situação aflitiva em que se encontra o candidato da UDN e dos trusões. O fato financeiro que lhe foi dado pela Light e pela Esso (só o seu discurso de domingo, transmitido por emissoras de TV de São Paulo, Belo Horizonte e Rio, e por 40 estações de rádio de todo o país, segundo cálculos idôneos, custou aos seus financiadores mais de Cr\$ 50 milhões) permitiu-lhe invadir o país com a sua carantonha, comprar políticos venais e alugar jornais, mas não lhe deu a vitória. Pelo contrário, com o desenrolar da campanha, ele viu fugir-lhe dos pés a sua própria base eleitoral, em São Paulo. Apesar de toda a coação policial e financeira exercida em seu favor pelo governador Carvalho Pinto — e, em parte, por isso mesmo — Jânio tem muito menos partidários hoje, em seu Estado, do que tinha seis meses atrás. Ele próprio já teme a derrota, seja para Lott, seja para Adhemar, na Capital paulista, e a vantagem que terá no Interior estará longe de cobrir a derrota que o espera no conjunto do país.

Não é outra a razão da súbita e feroz campanha anticomunista lançada por Jânio, neste fim de campanha. É o seu último e desesperado recurso eleitoral. E é muito significativo que ele pretenda agora tirar proveito eleitoral da raiva anti-soviética e anticomunista espalhada pelo Departamento de Estado. Se ele havia adotado o estilo do demagogo progressista exatamente por ter compreendido que o anticomunismo envelheceu e ficou desmoralizado, aos olhos do povo, e agora retoma os mesmos clichês de Dulles e da Esso contra os trabalhadores, é porque, como Lacerda, também ele reconhece que fracassou. O povo não lhe deu ouvidos. E muito menos lhe dará agora, quando ele pretende fessucillar fantasmas, que já não são mais fantasmas, senão para aqueles que os animam.

E tampouco é outra a razão das violências policiais que estão ocorrendo em todos os Estados que têm governo janista — São Paulo, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Por toda parte, a candidatura Jânio entra em estertores, e seus partidários apelam para a violência. Ou para a «ignorância», como diz a saborosa linguagem do carioca: a ignorância dos que estão sem alternativa, diante da derrota.



# 120 Mil Brasileiros Aplaudiram Prestes em Cinco Dias

Em cinco dias, falando em quatro grandiosos comícios, Prestes foi aplaudido por nada menos, e talvez mais do que 120 mil brasileiros.

Quarta-feira, em Porto Alegre, sábado no Recife e em Caruaru, e domingo em Fortaleza, multidões compactas e tomadas de um entusiasmo que excede a toda descrição, foram ouvir a sua palavra de esperança e esclarecimento, e de apoio às candidaturas nacionalistas de Lott e Jango.

Carvalho; o presidente da Câmara Municipal, sr. Carlos Duarte; o dr. Antônio Barros Barreto, Presidente do PST estadual; o deputado Francisco Julião; o jornalista Aloisio Falcão, em nome do PSD; o general Honório Hermeto Cavalcanti, além de numerosos líderes dos trabalhadores e estudantes pernambucanos.

Em seu discurso, constantemente interrompido pelos aplausos da extraordinária multidão, Prestes disse que aquele comício era uma prova de que o povo do Nordeste já elegera Lott e Jango, por aclamação. Ressaltou a necessidade de o povo brasileiro derrotar o bando janista, que está a serviço de trusões como a Light, a Esso, a Anderson Clayton e a Bung & Born, o eleger o patriota honrado que é o marechal Lott.

Na tarde do mesmo dia, sábado, Prestes participou de outro comício, igualmente vibrante, no encerramento da passeata que cinco mil camponeses realizaram pela cidade, liderados por Francisco Julião, e empunhando os símbolos de sua luta: a enxada e a espada Lottista. Neste comício também falou ao povo o governador Leonel Brizola, além de Prestes, Julião, do prefeito Arraes e outras figuras políticas de Pernambuco. No palanque, os camponeses ficaram dois enormes cartazes que carregaram na passeata, um ao lado do outro: um com o retrato de Lott, outro com o de Prestes.

## Prestes Indica Hércules Dos Reis e Carlos Taylor

Luiz Carlos Prestes tornou pública a seguinte declaração de apoio aos candidatos à Assembléia Constituinte da Guanabara, Hércules Correia dos Reis (n. 277) e Carlos Taylor (n. 269), ambos inscritos na legenda do PTB:

«Declaramos ao eleitorado carioca, a nossos amigos e simpatizantes e aos camaradas comunistas que indicamos, como nossos candidatos a deputados à Assembléia Constituinte do Estado da Guanabara nas eleições próximas de 3 de outubro os nomes de Hércules Correia dos Reis (n. 277) e Carlos Taylor (n. 269), inscritos ambos sob a legenda do PTB.

Impossibilitados, por falta de registro eleitoral de nosso Partido — Partido Comunista do Brasil — de apresentar a lista dos candidatos comunistas, escolhemos na lista apresentada pelo Partido Trabalhista Brasileiro os nomes referidos, de Hércules Correia dos Reis e Carlos Taylor — trabalhadores, patriotas e democratas que saberão representar digna e valentemente o povo carioca na Assembléia Constituinte.

Que os comunistas e todos os eleitores que nos honram com sua amizade e confiança, que contribuirão com seu voto para a vitória nas urnas de Sérgio Magalhães para governador do Estado, concentrem seus votos para a Assembléia Constituinte nos nomes de Hércules Correia dos Reis (n. 277) e Carlos Taylor (n. 269), ambos inscritos na legenda do PTB.

Por uma grande vitória nacionalista em 3 de outubro!  
(a) LUIZ CARLOS PRESTES

# Comunistas Tomam Posição: Pró-Lott Contra Carestia

Ao regressar, quinta-feira última, de sua visita ao Sul do país, Luiz Carlos Prestes concedeu uma entrevista coletiva à imprensa, no Rio, durante a qual expôs aos jornalistas suas observações sobre a campanha eleitoral que se desenvolve nos diversos Estados que visitou, e afirmou sua convicção de que o marechal Lott e o sr. João Goulart serão vitoriosos, a três de outubro. Antes de submeter-se às perguntas da imprensa, Prestes leu uma declaração, em que é feita uma apreciação da situação do país, e definida a posição dos comunistas diante do próximo pleito. É o seguinte, o texto da declaração:

«Acabamos de percorrer diversas cidades dos Estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, nas quais participamos de comícios de propaganda das candidaturas do marechal Teixeira Lott e do sr. João Goulart. E esse contato com o eleitorado do interior reforçou ainda mais nossa convicção de que os candidatos nacionalistas à presidência e vice-presidência da República, alcançarão a 3 de outubro uma grande vitória.

Sentamos, por toda parte, a pressão exercida pela ação deformadora e corruptora do poder econômico, pelo «prégo do dinheiro fácil» que os dirigentes da campanha do sr. Jânio Quadros esbanjam a torto e a direito, numa «avalancha publicitária» jamais vista em nosso país. E, no Estado de São Paulo, a isso se acrescenta a transformação, pelo Governador Carvalho Pinto, da máquina administrativa em máquina de fazer votos.

Mas o certo é que o povo não está se deixando enganar. O trabalho esclarecedor das forças nacio-

nalistas — e qualquer observador justo reconhecerá o importante papel que os comunistas desempenham entre elas — consegue êxito, ajudando os eleitores a separar o joio do trigo. Anula-se, assim, a demagogia sem limites do sr. Jânio Quadros.

«Os fatos, por sua vez, concorrem para esse esclarecimento. É o caso das perseguições movidas pelo Governador Carvalho Pinto contra os camponeses de Sta. Fé do Sul que lutam apenas pelo direito de não ser enxotados, como animais, das terras que arrendaram e cultivaram. Seu líder Joffre está sofrendo na cadeia — exemplo único em todo o país, atualmente — as consequências da aplicação da «lei de segurança». Em plena capital de São Paulo, uma greve como a dos motoristas de táxis, é criminosa-mente reprimida pelo governo, como se ainda vivéssemos nos tempos de Washington Luís, quando a questão social era considerada um caso de polícia, a ser resolvida a patas de cavalo. É essa a democracia e é essa a reforma agrária que tais senhores defendem.

«A esta altura, a vitória do marechal Teixeira Lott e do sr. João Goulart não é certa apenas para nós que os apoiamos. Também seus adversários já têm essa certeza. Dai o desespero que manifestam de modo visível. Veja-se com que desdém se entregam a exploração do anticomunismo. Os mesmos jornais que tantas vezes apresentam o movimento comunista como enfraquecido e desprestigiado, incapaz de qualquer influência ponderável sobre o nosso povo, quase passam agora a nos apontar como a força política decisiva entre as que apoiam o marechal Lott. É o «perigo iminente», que se precisa derrotar... Velha cantilena, tão de gosto da propaganda imperialista, que em todos os países sempre faz do anticomunismo um disfarce para encobrir seus fins inconfessáveis. É também uma velha manobra, de que nosso povo já possui experiência dolorosa, para preparação de golpes contra o curso normal do processo das eleições. Contra esse perigo, que é real, torna-se necessário redobrar a vigilância de todas as forças interessadas em que a democracia brasileira, ao contrário de retroceder, se fortaleça, avance e amplie. Responsabilidade particular cabe, sem dúvida, às forças que, no governo e fora dele, estão empenhadas em conduzir à vitória as

candidaturas do marechal Teixeira Lott e do sr. João Goulart.

### Carestia e golpe

«Não nos esqueçamos de que os forjadores de golpes muitas vezes exploram justas reivindicações das massas. Queremos nos referir às condições insuportáveis da carestia de vida, tremendamente agravada nas últimas semanas. Sabemos que é preciso atacar o mal pela raiz, que a eleição do marechal Lott abrirá caminho para a adoção de medidas básicas destinadas a esse fim e que a eleição do sr. Jânio Quadros teria o efeito oposto, pelo fortalecimento exatamente dos aspectos mais negativos da política econômico-financeira do sr. Juscelino Kubitschek. Mas, como está não pode continuar, com o governo de braços cruzados e as privações aumentando para o povo. É possível e indispensável atender imediatamente as exigências das massas, que não estão dispostas a carregar em seus ombros as piores consequências da situação do país. O salário mínimo, por exemplo, deve ser reajustado antes ainda das eleições, de acordo com o índice da elevação do custo de vida.

«Estamos convictos de que a eleição do marechal Lott e do sr. João Goulart corresponde aos interesses nacionais. E, nos poucos dias que ainda restam, vamos intensificar, em todo o país, nossa participação na campanha eleitoral, com o entusiasmo e mesmo a capacidade de sacrifícios de que os comunistas tantas vezes já deram prova. E essa participação abrange, naturalmente, as eleições estaduais, com o apoio a candidatos a governador e vice-governador, e a deputados do Estado da Guanabara.

«Aqui na Guanabara, tudo fizemos para unificar as forças contrárias a candidatura do sr. Carlos Lacerda, entreguista confesso, cujo falso moralismo está agora posto à mostra de maneira a desfazer qualquer dúvida e a convencer até aqueles que porventura continuassem enganados pelas suas palavras de combate à corrupção. Perduram ainda, porém, as candidaturas divisionistas de Mendes de Moraes e Tenório Cavalcanti. Mas, temos a certeza de que todos os democratas e patriotas do Estado da Guanabara saberão fazer aquilo que as cúpulas partidárias não souberam: unificar suas forças para garantir a vitória do sr. Sérgio Magalhães».



Sábado último, Prestes realizou o maior comício que já teve lugar no Recife nestes últimos anos. Mais de 50 mil pessoas se cumpriram na praça Dantas Barreto e ruas adjacentes, para ouvir a palavra do dirigente comunista em apoio às candidaturas nacionalistas de Lott e Jango e de condenação da candidatura entreguista de Jânio Quadros.

# Fora de Rumo

Paulo Motta Lima

Em editorial recente, o «Jornal do Brasil» observou que pela primeira vez, há quinze anos, talvez no país um pleito movimentadíssimo, sem a existência de esquemas político-militares, sem a trama de golpes e contra-golpes. O jornal, que hoje se predica contrário ao golpe e também ao contra-golpe, sem dúvida completaria maravilhosamente a observação reconhecendo que a extinção do clima de golpe deve-se ao Marechal Teixeira Lott e ao sr. Jango, que em 11 de Novembro de 1955, contra o golpe também estiveram então os comunistas. A frente do golpe encontra-se em 1955, Jânio Quadros, Carlos Lacerda e outras figuras que hoje o jornal da Condessa discretamente agonia.

A acrescenta o matutino: Somente alguns espectros políticos, como o sr. Prestes, é que arrastam por aí arrastando suas correntes e gemendo agendadamente. Ora, os comunistas apenas admitem a possibilidade de vir o sr. Quadros ao eleito, a continuar nossa vida política, pois a nenhuma dessas coisas não permitiria, em nenhuma hipó-

tese, que algum presidente, como poderia ser o caso do candidato da «Condessa», Latin American Letters, viesse a tentar executar no Palácio da Alvorada, um programa de entreguismo.

Essa mesma fantasia que a Condessa ironiza é assunto de mais de uma página daquela e de subsequentes edições do jornal. Fenômeno estranho de reincarnação? Há cento e dez anos Marx e Engels também se referiram ao espectro que permanece hoje na mente da Condessa. Quem ignora a abertura do Manifesto Comunista? «Um espectro ronda a Europa — o espectro do comunismo. Para perseguir, unem-se, numa Santa Aliança, todas as potências da velha Europa: o Papa, e o Tsar, Guizot e Metternich, os radicais da Europa e os policiais da Alemanha».

Dura um século, esse arrastar de correntes. E a ronda já se esfuma além da Europa. Ganhou a Ásia, a África e a América, apesar da Santa Aliança. E por que esque-

ceríamos aquele emblema com a foice e o martelo, hoje pregado na Lota?

Vê a spa Condessa que o arrastar de correntes é intercontinental e interplanetário.

Quanto às franquias democráticas, Condessa, quem melhor as tem resguardado, principalmente nos últimos tempos? Alguma vez, nos últimos quinze anos, foi a redação do «Jornal do Brasil» obrigada a defender, a baba, a liberdade de imprensa? É licito, por exemplo, alguém esquecer o sacrifício do Partido dos Trabalhadores, o Partido Comunista da França, na luta contra Hitler, o heroísmo da «partigueria» italiana e as provas de fogo dos comunistas alemães, que desde a subida de Hitler ao poder, passando pela guerra civil espanhola, jamais ensarilharam as armas e que ainda hoje lutam contra os revanchistas de Adenauer, continuadores da política de guerra de agressão?

Os golpistas de hoje são os mesmos de 1935. Ontem e hoje são eles que dão ao traste o máximo.

# Dez Razões Para Não Votar em Jânio

## 1 — JÂNIO É O CANDIDATO DOS TRUSTES NORTE-AMERICANOS

Desde 1954, quando ainda ocupava a Prefeitura de São Paulo, Jânio atua como homem de confiança dos grandes inimigos de nossa Pátria. Teve participação ativa na preparação do golpe de 24 de agosto, reunindo-se aos líderes lanterneiros em plena ação subversiva. Em 1955, implicado no trama golpista, pretendia fazer dos Campos Eliseos a sede de uma ditadura entreguista, ao lado dos maiores do golpe como Eduardo Gomes, Pena Botto, Juarez. No Governo de São Paulo, realizou a política dos seus patrões, ampliando o campo de ação da Light e de todas as empresas imperialistas empenhadas no domínio da economia nacional. É candidato abertamente apoiado pelos porta-vozes mais res-

ponsáveis dos imperialistas ianques. Sobre ele disse a «Hanson's Letter» de 2 de abril deste ano: «Tem sido geralmente antecipado em Washington que a eleição de (Jânio) Quadros no Brasil daria ao Departamento de Estado outro Frondizi, que os excessos de sua campanha eleitoral e mesmo a prova do efeito político de um nome com Fidel Castro podiam ser ignorados, em função da fácil mudança prevista, uma vez ganha a eleição, em relação às promessas feitas durante a campanha eleitoral. Mas, a eleição realizada na Argentina esta semana exige cautela na articulação de quaisquer outras manobras do tipo Frondizi visando a criar no Brasil outro «nosso homem» (our boy)».

## 2 — JÂNIO É INIMIGO CONFESSO DA PETROBRAS

Em 1958, inaugurando uma série de entrevistas patrocinadas pelos trustes contra a «Petrobrás», afirmou ao «Correio da Manhã»: «Tenho um verdadeiro pavor de todo o empreendimento industrial que o Estado dirija. O Estado é mau patrão». E elemento de confiança da «Standard Oil», segundo depoimento do próprio Rockefeller: «Gostaria de ver Jânio Quadros eleito presidente da República. Trata-se de um velho amigo meu, que honrou minha casa em Nova York, e de quem tenho a melhor das impressões». (Declarações ao «Estado de São Paulo» em 8-5-1959). Registrando a atitude servil de Jânio, pouco tempo antes, em Nova York, Carlos Lacerda escreveu: «A demagogia mais deslavada é a regra. No próprio campo do General Juarez quem dá a nota é Jânio Qua-

dos — que em Nova York, em discurso diante de numerosos americanos e brasileiros, bateu no peito, literalmente, dizendo:

«Penitencio-me de ter sido a favor da Petrobrás».

Seja a favor ou contra, no caso não importa. Mas não seja cínico. Não engane o povo aqui dizendo o contrário do que foi dizer lá, onde não devia, quando não devia, com quem não devia». (Tribuna da Imprensa) de 3-8-1955).

«Em relação ao problema da petróleo, nada tenho a acrescentar nem a tirar do ponto de vista de seu jornal. Endosso-o inteiramente», disse também Jânio a Júlio de Mesquita Filho, diretor do «Estado de São Paulo», inimigo jurado da Petrobrás, em 5-4-1959.

## 3 — JÂNIO É SERVIÇAL DA LIGHT

No governo de São Paulo, concedeu todos os aumentos de tarifas que a empresa pleiteou. Obteve empréstimo de um bilhão e trezentos milhões de cruzeiros para a Light construir usina, a que lhe cabia por obrigação contratual, independentemente de qualquer intervenção do Poder Público. Ao mesmo tempo, jogou fora a oportunidade de o próprio Estado construir a usina, distribuir sua energia, ficar com

seus lucros e dar um passo no sentido da nossa emancipação. Contrariando o parecer de técnicos, colocou o abastecimento de água da capital paulista e do ABC na dependência da mesma empresa. Entregou, ainda, à Light o aproveitamento do rio Capivari, com prejuízos ao Estado e às estradas de ferro Sorocabana e Paulista.

## 4 — JÂNIO É O CANDIDATO DAS FORÇAS MAIS REACIONÁRIAS DE NOSSO PAÍS

Como «marionete» nas mãos dos trustes, é, também, o homem de confiança do que há de mais reacionário em nosso país, a começar pela UDN paulista, que quer a volta do Brasil ao regime anterior a 1930; da UDN lacerdistas da Guanabara, do PDC e

das demais forças ditas «oposicionistas». É o candidato da imprensa subvencionada pelo grosso da publicidade dos trustes, desde «O Estado de São Paulo», porta-voz da oligarquia paulista e dos monopólios ianques, até «O Globo» (onde escrevem diá-



mente os srs. João Neves e Eugênio Gudin, com os empregados da «Esso» e da «Bond and Share»), o

«Correio da Manhã» e outros órgãos marcados pela mesma subserviência aos imperialistas norte-americanos.

## 5 — JÂNIO É PARTIDÁRIO DA REFORMA CAMBIAL

Disposto a assinar em cruz todas as ordens do Fundo Monetário Internacional, defende a reforma cambial, cuja aplicação significará, inevitavelmente, nova desvalorização do cruzeiro e uma elevação brutal do custo de vida. Ao mesmo tempo, é contra o chamado confisco cambial, cuja abolição trará conseqüências igualmente

funestas para o povo, agravando ainda mais a carestia de vida e entravando o nosso desenvolvimento. Defende em toda a linha o «liberalismo» econômico, combate em todo terreno a ação estatal a favor da industrialização do País, tal qual o exigem os banqueiros e latifundiários ligados ao café em São Paulo.

pria, nas eleições a que concorre. Por outro lado, enquanto ao assumir a Prefeitura de São Paulo era dono de apenas um imóvel no valor de poucas centenas de milhares de cruzeiros e de vinte mil cruzeiros em dinheiro, hoje

é multimilionário à custa de negociações fartamente denunciadas na Imprensa e no Parlamento. Grupos de negociantes, ao mesmo tempo integram o seu «staff», ameaçando como jamais o erário público.

## 8 — JÂNIO É UM INIMIGO DOS TRABALHADORES

Sob o seu governo, os operários de São Paulo sofreram toda sorte de arbitrariedades e violências. Espalheira manifestantes contra a carestia. Prendeu grevistas. Massacrôu popula-

res, como a 30 de outubro de 1958, quando protestavam contra o aumento de tarifas da CMTC. É um aspirante a ditador, sedento de todos os demandos.

## 6 — JÂNIO É UM FALSO OPOSICIONISTA

Todas as suas críticas ao Governo Federal se restringem, exclusivamente, aos aspectos positivos, de cunho nacionalista da administração do sr. Kubitschek. Por outro lado, após sem restrições todos os atos patrocinados pela ala entreguista do governo de

JK, numa confirmação plena da mesma orientação que adota. Nesse sentido, aplaude as inversões de capitais estrangeiros nocivas ao interesse nacional, e ameaça ampliá-las ao máximo uma vez eleito.

## 9 — JÂNIO É UM PERSEGUIDOR DO FUNCIONALISMO

Como prefeito da capital paulista e como governador do Estado, os servidores públicos foram alvo permanente de suas inclinações de déspota. Promoveu demissões, em massa, de milhares de chefes de família. Vexou e humilhou a lôrta e a direito, inclusive chefes de serviço, com os seus famosos

«bilhetinhos». Negou justas reivindicações salariais e, mesmo em causas perdidas na Justiça do Trabalho, como no caso do Banco do Estado de São Paulo, procurou negar direitos líquidos e certos, como o mais reacionário dos patrões.

## 7 — JÂNIO É UM FALSO MORALISTA

Demagógicamente, levanta a bandeira da luta contra a corrupção, empunha a «vassoura», prometendo «sanear» a administração pública. Mas, ninguém como ele, neste País, já se valeu tanto do Poder para a corrupção mais desbragada. Como governador

de São Paulo, fez toda sorte de barganhas, comprando deputados, subornando prefeitos, transacionando postos públicos a preço de apoio eleitoral, tudo para garantir a eleição de seu sucessor Carvalho Pinto e a sua pró-

## 10 — JÂNIO É INIMIGO DOS CAMPONESES

É defensor intransigente da monopólio da terra, da exploração semidial dos trabalhadores do campo. Como agente dos latifundiários paulistas, tratou sempre de abafar as reivindicações levantadas pelos campo-

neses, inclusive apelando para as medidas de força, como em Santa Fé do Sul, onde instaurou processo para expulsar centenas de famílias das terras de Zico Diniz.

# Carta do Sertão

Istado da Guanabara,  
29 de setembro.  
Seu doutô Jânio da Sirva!  
Deus perdô! se me alembo.

Infiliz do brasileiro  
qui votô nesse zarô.  
Votemo no Marechá!  
Esse doutô Ademá  
nós já sabemo quem foi.

Butaro aqui pelas arve  
o nome de Jânio Quado.  
No outo dia, bem cêdo,  
o pómi tinha secado.  
Quagi milindra as raiz  
o nome amardiguado!

Mas vê! o doutô das pranta  
mandô os nome apagá  
e iscrevê im tôdas elas  
o nome do Marechá.  
Parô de vez o confrito:  
mêlicheu verde e bunito  
qui dava gôsto se oiá.

Marechá Texêra Lote  
abafô de Sô a Norte!  
A bassôra tá sem cabo  
apesá da cunha forte.

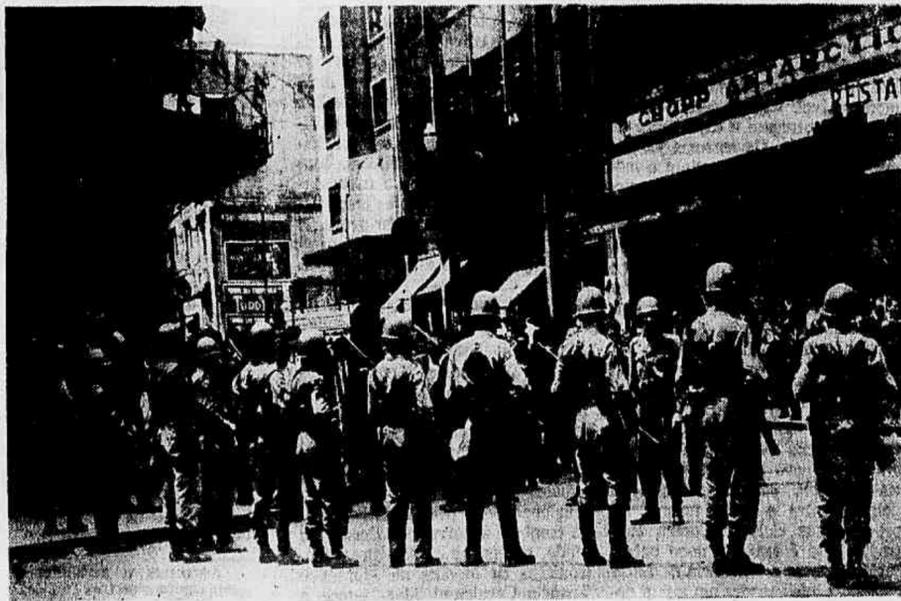
Nosso nobre Marechá  
é inimigo da guerra.  
«O pobe val té lecola,  
o camponês val té terra.

MARECHÁ TEXÊRA LOTE,  
vamos votá no alnhô,  
vassamerô tá sabendo  
pruque tamo il devendo  
o mais maiô dos favô!

No dia 11 de novembro  
venceu a gorpe assacino  
qui cortava do Brasil  
a linha do seu destino:  
butando café pra fora  
dando posse a Jucelino.

Coisa iguár nesse Brasil  
D. Pêdo Premêro fax.  
Pra libertá nossa terra  
no tempo dos purtuguês.  
Pur sé honrado e valente  
meô vai sé Presidente...  
é chegada a nossa vez.

No dia 3 de outubro  
votemo no MARECHÁ!  
Viva Serjo Magalhães!  
Viva doutô João Guilá!



Com Jânio  
é assim

Temperamental, violento e atrabiliário, o sr. Jânio Quadros fez questão de pontilhar toda o seu governo de atos de violências contra o povo. Aos protestos populares contra a fome e a carestia, Jânio respondeu saltando a polícia nas ruas do Rio de Janeiro. Era o único ato de violência que passou. Na foto, desmontamento de standes e piquetes montados pelos populares contra o aumento das tarifas da CMTC, no dia 30 de outubro de 1958.

## NOVOS RUMOS

Diretor  
Mário Alves  
Diretor Executivo  
Orlando Bomfim Júnior  
Redator Chefe  
Fragmon Borges  
Secretário  
Luiz Fernando Cardoso  
Gerente  
Guttenberg Cavalcanti  
Redatores

Renata Arena, Paulo Motta Lima,  
Nilson Azevedo, Fausto Cupertino,  
Rui Facó, Solon Pereira Neto

Redação: Av. Rio Branco 257, 17º  
andar, S/1712 — Tel: 42-7344  
Gerência: Av. Rio Branco, 257,  
9º andar S/905

SUCURSAL DE S. PAULO  
Rua José Bonifácio, 29 — 10º  
andar — S/ 103  
Tel: 37 52 64

Endereço telegráfico —  
«NOVOSRUMOS»

### ASSINATURAS

Anual ..... Cr\$ 250,00  
Semestral ..... » 130,00  
Trimestral ..... » 70,00  
Aerea anual, mais Cr\$ 100,00;  
semestral, Cr\$ 50,00; trimestral,  
Cr\$ 30,00.  
Número avulso ..... Cr\$ 5,00  
Número atrasado ..... » 8,00

### Notas Sobre Livros

Não é esta a primeira vez que deixo de tratar de livros, aqui, embora mantendo a rubrica do costume. Mas hoje, mais do que em qualquer outro momento, justifica-se plenamente o breve desvio: trataremos das próximas eleições. Tudo o mais, nestes dias, passa a segundo plano. A Nação — para falar-nos com certa e desculpável ênfase — é convocada às urnas, para si decidir que espécie de governo vamos ter durante cinco anos. E agora, na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, ainda vamos eleger o governo local, inclusive uma Assembleia Constituinte, que deverá dar forma a este maciço e complexo edifício da Guanabara.

A campanha eleitoral, que vinha se fazendo molemente, esquentou nestas últimas semanas, e esquentou no melhor sentido que era possível se desejar, isto é, com a participação cada vez mais numerosa do povo — nos comícios, nas discussões de rua, nos locais de trabalho, nos lares, no rádio, na televisão, etc. E ainda melhor, evidentemente é que a campanha se desenvolveu e se aprofundou como expressão inequívoca do movimento político real que se desenvolve e se aprofunda no Brasil: o da luta entre as forças nacionalistas e as forças entreguistas.

Podemos já concluir, a esta altura da campanha eleitoral, que milhões de brasileiros despertam para a vida política sob o signo desta luta. As grandes massas vão compreendendo de mais em mais que o inimigo principal do Brasil é o imperialismo norte-americano, que suga o melhor do nosso trabalho e das nossas riquezas naturais, e que é sobre essa inimigo que devemos concentrar o fogo. Compreendendo isso, que é fundamental, compreendem também que a eleição de 3 de outubro é uma batalha em que é necessário esmagar os candidatos entreguistas que representam os interesses do inimigo — Jânio, Milton, Lacerda — e eleger os candidatos nacionalistas, que representam os legítimos interesses do povo brasileiro — Lott, Jango e Sérgio.

Sem dúvida, há ainda muita gente, gente de boa fé, ludida com a parolagem demagógica dos candidatos entreguistas. Nem para outra coisa funciona a demagogia de Jânio, Lacerda & Cia., senão precisamente para turbar as águas e ludir os incautos. Os demagogos são utilizados para isso e por isso mesmo — para enganar, para tapar, para tergiversar. Para embelezar os patamares, como se dizia no tempo de Rui Barbosa. Outros demagogos, como Ademar, Ferrari, Tenório, Mendes de Moraes, sabem de antemão que vão perder: na demagogia, devidamente calculada, tem por único objetivo tirar votos dos candidatos nacionalistas, favorecendo por tabela os candidatos entreguistas. Desempenham um papel meramente diversionista e diversionista — a serviço, é claro, do mesmo inimigo da Pátria.

Estamos vivendo os últimos dias da grande campanha, e vamos para as urnas com ânimo firme e confiante. O inimigo norte-americano — inimigo de todos os povos livres do mundo — estão apanhando por toda parte, cada vez mais desmoralizados e oitiosos. Ali mesmo à sua ilharga os barbudos de Fidel Castro lhes aplicam memoráveis surras. Vamos também nós brasileiros batê-los nas urnas de 3 de outubro — derrotando os seus candidatos, demagogos de vassoura e lanterna, apanhados do Departamento de Estado. Tudo faz crer que a vitória de Lott, Jango e Sérgio, sendo a vitória de um movimento político de conteúdo patriótico e progressista, proporcionará ao novo Governo todas as condições favoráveis a um considerável avanço do País no caminho do desenvolvimento material e cultural — um desenvolvimento que corresponda aos reais interesses da Pátria, independente de pressões exteriores, de entraves rotineiros e de preconceitos obscurantistas.

E disto que o Brasil precisa, é isto o que o povo brasileiro almeja e é por isto que se orienta o movimento nacionalista, visando ao fortalecimento da independência econômica da Nação e à consolidação de uma ampla democracia interna.

Astrolindo Pereira

### COMENTARIOS

Anda o crime à solta na Zona Norte; Copacabana que é apontada pelos seus vários inimigos como local de todos os crimes e desmandos, devia estar acaido muita graça. Então a pacata Zona Norte é agora o local dos crimes mais espúrios? As célebres scurras, que pareciam propriedade dos lambretistas da Zona Sul, e outras coisas estão acontecendo no outro lado da cidade? Mas é claro, muito claro mesmo. A cidade é uma só, os problemas sociais da cidade não diferem e, além disso, o noticiário sensacionalista dos jornais ajuda muito os criminosos em estado latente. «Fizeram isto ou aquilo em Copacabana? Mas é justamente isso que devemos fazer em Madureira». Parece que assim comentam os que estão à espera de exemplos para realizar desmandos.

Falei em lambretistas mas não se pense que considero todos iguais. Está claro que a lambreta é um veículo como outro qualquer e há muita gente da melhor espécie que na impossibilidade de comprar automóveis compra as mencionadas. (Aliás, para mim, as mulheres mais apaixonadas deste século são aquelas que têm coragem de andar na retaguarda das lambretas com os bem-amados. É coragem demais; uma inútil coragem).

Anda o crime à solta e uma notícia impressionou nosso leitor José Marcelino de Oliveira de quem recebi uma carta comovedora. Um recém-nascido foi outro dia abandonado em São Cristóvão e a pessoa que o encontrou, muito humanamente levou-o à Maternidade Fernando Magalhães. Ai o espanto: essa maternidade negou-se a receber o pequenino por falta de médico pediatra. José Marcelino e eu achamos esse fato espantoso; então naquela maternidade ninguém sabia cortar o cordão umbilical do menino? E o pior que essa Maternidade que — segundo um jornal — é a de maior movimento no Estado da Guanabara pois atende indiscriminadamente a quantas mães a procurem nega socorro a um recém-nascido. José Marcelino e eu entendemos tudo, sabemos bem como acontecem neste país certas coisas, mas, por isso mesmo, estamos sempre prontos a protestar e a reclamar.

Aliás, José Marcelino, não sei se você viu outro dia um fato também digno de comentários: um pequenino foi abandonado. (Há muita mãe ruim neste mundo, não?) Um cronista contou o caso da criança e pediu que alguém a acolhesse, que dela tratasse, que criasse o pequenino. Apareceram muitos candidatos à adoção da criança, mas quando chegaram e viuam o pequenino abandonado, não queriam mais nada. É que a criança era preta. Imagine, isso num país onde se diz sempre que não há preconceitos raciais.

Histórias tristes são muitas, mas há outras alegres. Hoje ficamos nas tristes. Obrigada José Marcelino de Oliveira pela sua carta-collaboração. Protestamos sempre, contra as injustiças e os desmandos. Protestando estamos, pelo menos, ficando em paz com as nossas consciências.

Enredo

### Tópicos Típicos

Publicouse, em fins da última semana, um manifesto de escritores pró-Lacerda, assinado por alguns nomes conhecidos, entre os quais nos surpreendemos bastante de encontrar, por exemplo, os de Cecília Melreles e Aurélio Buarque de Holanda, evidentemente deslocados no conjunto. Que o «Fon-Fon» Arinos assinou uma palhaçada destas, está certo; é racista e melido a aristocrata. Mas um escritor decente, jamais deveria fazê-lo.

Isso estranhamos a presença, no documento, das assinaturas de Waldir Ayala e Lúcio Cardoso, ambos coerentes, em suas posições, com a sua condição de «madameisels»; e ne me touche p.s.s. No caso deles, a opção política é predeterminada por fatores bio-psico-patológicos.

Isso estranhamos, também, as assinaturas de Autregésio de Atalde, Elmano Cardim, Manuel Landeira e Viriato Correia, por serem pré-colombianos e com tradição de luta pelo matriarcado. (Viriato Correia, então, no dia em que se deltar e coltar com um lençol, corre o risco de virar petróleo).

Rubem Braga, Joel Silveira e João Comê talvez tenham assinado depois do décimo quarto risque, quando já não respondem pelos seus atos. Pela manhã, não assinariam — quem sabe?

E muito natural, por outro lado, que o Pongetti tenha assinado. Há muita gente que o tem na conta de escritor. Daí me ate que ele é reatológico e escreveu uma peça chamada «Conheça seu Homem». Hoje não há dúvida de que estaria falando com autoridade: vai votar em Lacerda, conhece o seu homem.

Quanto a David Nasser, deve ter recebido ordens do «capitão» Assis Chateaubriand, recém-escapo de um enteiro poço eficaz. Dilermando Duarte Cox foi incluído para fazer número, porque tinha pouca gente. Coração recebeu um aumento de duzentas pratas no seu ordenado na Companhia Telefônica para assinar. O jurista Prado Kelly e o contrabandista Fernandinho só não assinaram porque chegaram atrasados...

O fato é triste, amigos. São intelectuais agindo contra a cultura, favorecendo o fascismo lacerdiano.

Mas há o reverse da medalha: grandes escritores, artistas sérios, apoiando Sérgio Magalhães. Com quem está Marques Rebelo? Com quem estão Paulo Mendes Campos e Eneida? Guerreiro Ramos? Geir Campos? Vinícius de Moraes?

Pedro Severino

# “Um Alcoólatra Visitou João Pessoa”

Sob este título, e com a foto que ilustra a matéria, «CORREIO DA PARAIBA» publicou a seguinte reportagem sobre a visita do candidato entreguista à capital da Paraíba:

«A Paraíba cobriu-se de vergonha, as famílias pejaram-se de pudor, as crianças recolheram-se ao mutismo característico de medo, com a visita afrontosa que fez ontem e anteontem a João Pessoa o alcoólatra Jânio da Silva Quadros. Não só nos envergonhou a visita de sua pessoa física asquerosa e qui-xotesca, mas sobretudo a maneira condenável como se apresentou às nossas famílias, ante a nossa sociedade o indesejável visitante. Com efeito, apresentou-se altamente embriagado. A embriaguez causa dó, em algumas vezes, e repugnância noutras. Um marginal caído na sarjeta depois de se deixar dominar pelo vício, provoca compaixão e pena. Uma mulher mercenária que perde o autocontrole em consequência de doses consecutivas de tóxicos, merece respeito e comisseração. Mas um cidadão da formação política e cultural como o sr. Jânio da Silva Quadros, que se apresenta ao julgamento dos seus concidadãos como candidato ao mais alto posto da Magistratura Nacional — este merece tão-sómente a nossa mais enérgica reprimenda, por não se dominar ante um litro de uísque e ingerir doses duplas durante toda uma viagem de avião, e, em consequência, embriagar-se a ponto de perder o equilíbrio do corpo e pedir a ajuda de um amigo para descer as escadarias do avião. Veja-se a foto, que vale mais do que mil palavras. No clichê percebe-se com nitidez e sem necessidade de maior exame, o estado deplorável em que se encontrava o alcoólatra incorrigível, quando descia do avião que o trouxe até João Pessoa. Ao aparecer na porta do aparelho, Jânio deu um tombo e não fôsse o sr. João Agripino, teria rolado escada abaixo e não se sabe qual seria o desfecho. Assim, porém, não permitiram os fados, para alegria nossa. Agripino segurou a tempo o braço do «esponjinha», evitando um desastre que já não viria fora de tempo. Todos os que se aglomeraram no Parque Solon de Lucena para ver o palhaço da «Esso» e de Rockefeller vomitar os seus impertinências contra as nossas instituições democráticas, testemunharam, do mesmo modo, o efeito do álcool, revolvendo as entranhas do bilite paulista, e o esforço que fazia para articular as palavras e manter a uniformidade de voz, cuja dissonância se percebia de frase em frase, como só se vê nos embriagados. Pelo rádio, através dos alto-falantes, os guinchos do candidato entreguista saíam entrecortados pelos

soluços, e no palanque, João Agripino se desdobrava em cuidados para amparar, como podia, o inveterado patife. É este o homem que prega moralidade; que prega aus-

teridade; que prega outras fantasias saídas do seu cérebro anuviado pela bebida. É este o homem (sem ser o Pedroca) que tem a petulância de competir com um brasileiro

da estirpe e da envergadura moral do marechal Henrique Teixeira Lott. Duas personalidades distintas que não se podem confundir jamais».



«Tem nêgo bebo aí...»

João Agripino ri amarelo enquanto sustenta pelo braço o beberrão que quer se conspurcar a Palácio da Alvorada, no que, sem dúvida, será impedido nas urnas pelo povo. Não fôsse a intervenção do correligionário, Jânio, a exemplo de sua candidatura, teria rolado as escadas do avião que o transportou a João Pessoa, onde deu um espetáculo degradante de embriaguez.

## Mais Uma Vitória Nacionalista: XII Congresso da UEE

O movimento universitário paulista viveu, na semana de 14 a 21 de setembro último, com a realização do XII Congresso da União Estadual dos Estudantes, a concretização do espírito de ampliação e nacionalismo de que estava possuída a maior parte dos congressistas.

O Teatro Leopoldo Froes e o auditório das antigas instalações do Colégio Rio Branco, locais onde se realizou o conclave, presenciaram o esforço dos estudantes paulistas no sentido de entrosarem os interesses dos diferentes grupos políticos estudantis num só esquema, que permitisse que todos eles fizessem parte da futura diretoria da entidade que seria eleita no final dos trabalhos.

O que se buscou, portanto, foi, tendo como denominador comum os anseios nacionalistas da classe universitária, encontrar uma fórmula que englobasse, se possível, todas as facções estudantis numa só estrutura, possibilitando assim que o movimento universitário fizesse como diretoria de seu órgão de classe mais alto uma representação de unidade. Isto faria com que todas as bases participassem integral e unificadamente pelos interesses não só da classe, mas também no desempenho de seu papel no cenário político da nação.

Tal foi o espírito que orientou a maior parte dos congressistas durante todo o transcorrer dos trabalhos. E preciso, no entanto, lembrar que os estudantes buscavam a ampliação e unidade não a qualquer preço ou atalhadamente, queriam-na, isto sim, e com razão, em função de certos princípios claros e precisos dos quais a premisa nacionalismo era a fundamental. No final dos entendimentos duas chapas foram apresentadas. Alguém, precipitadamente, poderia concluir que a unidade não tinha sido obtida, que fracassara o intuito de congregar todos os estudantes numa só perspectiva salutar.

Puro engano. As apurações iriam demonstrar que unicamente um grupo, o mais radicalmente conservador, não havia sido ganho para a unificação total. Os números neste caso são bem claros: a chapa vencedora obteve 256 votos contra 123, mais de 100% de diferença, portanto.

O sr. Eusaude Branquinho Maracujá, presidente da chapa eleita considerou que a enorme diferença registrada, fato nunca antes observado, se deve a que os universitários já atingiram um grau bastante desenvolvido de politização e que reconhecerem que a nacionalização e a união são a resposta mais indi-

cada para a solução não só dos problemas da classe, mas também das questões econômicas e sociais do Brasil.

#### Teses aprovadas

Diversas teses e moções foram aprovadas durante o transcorrer dos trabalhos, destacando-se entre elas um manifesto de solidariedade à revolução cubana, com o convite a Fidel Castro para que visite S. Paulo, sob os auspícios da UEE. O manifesto foi aprovado por unanimidade.

O plenário aprovou também um apelo para que Jean-Paul Sartre vivesse no Brasil, ministrando aulas nas diferentes faculdades do Estado.

#### As eleições

Cerca de 100 congressistas votaram para a escolha da nova diretoria da UEE, participando 87 bancadas, representando centros acadêmicos da capital e do interior.

A chapa vencedora, encabezada pelo estudante Branquinho Maracujá, se apresentou com o nome de Ampliação Universitária Nacionalista, emquanto a chapa derrotada — Renovação, Administração e Nacionalismo, apresentava como candidato a presidente o sr. Apriégio Carvalho e Silva.

Em Outubro nas livrarias:

BRASIL SÉCULO XX

Rui Facó

Uma interpretação marxista da atualidade brasileira

Editorial Vitória

PTB

ROLAND CORBIER

292

# Dez Razões Para não Votar em Lacerda

## 1 — AGENTE DA ESSO

No seu jornal como da Tribuna da Câmara dos Deputados, Lacerda jamais poupou de ataques os mais sórdidos, a luta patriótica de nosso povo em defesa do petróleo. Cumprindo ordens da «Standard Oil», combateu abertamente a «Petrobrás». «A Petrobrás é uma criação híbrida e delirante, espécie de hermafrodita econômica», disse em artigo assinado, a 3-2-1952. «O monopólio estatal da exploração do petróleo é um erro maciço», repetiu em 25-6-1952, para insistir com a maior desfaçatez, em 16-12-1954: «É preciso mais: a interpretação da legislação sobre o petróleo de modo a garantir a colaboração do capital estrangeiro» (Tribuna da Imprensa) de 16-12-1954). Como entreguista confesso, fez parceria com a polícia, incitando e dando cobertura à violência contra os nacionalistas naquela memorável campanha.

## 2 — AGENTE DA LIGHT

Ligado ao Escritório Mosen, famoso antro de conspiração contra os interesses nacionais, Lacerda desempenha participação ativa na defesa da Light e da Bond and Share. Conforme o depoimento insuspeito do dirigente udenista Wilson Leite Passos, dentro de seu próprio partido comandou campanhas de hostilidade contra correligionários que ousaram criticar a Light. Seu parceiro mais íntimo, a vereadora Sandra Ca-

valcanti, forma com Adauto Lúcio Cardoso a dupla de ouro do celebrizado polvo. Solicito no cumprimento das instruções de seus amos, atacou furiosamente o Governador do Rio Grande do Sul quando da encampação da «Cia. Energia Elétrica», subsidiária da «Bond and Share».

## 3 — INIMIGO DO ENSINO

Ligado aos tubarões do ensino privado, elaborou o projeto de lei de Diretrizes e Bases do Ensino, verdadeira ameaça de morte à escola pública em nosso país. Esse crime, como se sabe, já mobilizou, no Brasil inteiro, os protestos da opinião pública, ensejando ao mesmo tempo novas revelações sobre a personalidade sombria de seu autor.

## 4 — FALSÁRIO COMPROVADO

Junto com os delinquentes Mal-fussi e Cordero, Lacerda foi o autor da «Carta Brandi», documento vergonhoso com que os falsários procuraram comprometer a candidatura do sr. João Goulart nas vésperas das eleições de outubro de 1955. Ninguém esquece essa negra passagem de sua vida de aventureiro da pior espécie.

## 5 — ASSASSINO DE VARGAS

Nos dias trágicos de agosto de 1954, cobrindo de infâmias, de calúnias e dos mais baixos insultos a Getúlio Vargas, Lacerda foi

o principal artífice do golpe entreguista, levando ao suicídio o Chefe da Nação. Covardemente, fugiu do país, porque o povo, indignado, queria fazer justiça com suas próprias mãos.

## 6 — INSTRUMENTO DO FASCISMO

Lacerda pertence hoje à organização fascista internacional chamada «Rearmamento Moral», fundada pelo norte-americano Frank Buchman, famoso autor da expressão «Demos graças a Deus por Hitler», e à qual também pertenceram Heinrich Himmler, Rudolf Hess e vários hierarcas nazistas. Recentemente, durante vários meses, num recanto isolado da Suíça, Lacerda recebeu na escola do «Rearmamento» cuidadosa «lavagem de cérebro», já visando a conquista do Poder no Estado da Guanabara. Escravidar os operários, instaurar o terror, ampliar o campo do entreguismo — eis aí seus objetivos.

## 7 — LADRÃO DO ESTADO

O flagrante em que foi apanhado, na negociata da Av. Chile, quando pretendia apoderar-se de um lote no valor de mais de noventa e oito milhões de cruzeiros em troca de imóvel seu hipotecado e de outros, que pretendia passar como seus, também gravados, tudo no entanto não correspondendo a mais de dezessete milhões de cruzeiros — é por demais recente para que se recapitule. O histrião, que se proclamava campeão da luta contra o



Lacerda em flagrante

Escortado por um numeroso grupo de capangas, Carlos Lacerda empreendeu o assalto à gráfica do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários, em Del Castillo. O pretexto para a violência — em tudo semelhante às «razias» fascistas — foi o de que ali estariam sendo impressos boletins injuriosos ao candidato entreguista.

roubo, foi de novo desmascarado. É campeão, sim, mas das trapalças, reunindo numa só falcatrua, como essa, vários delitos de falsificação.

## 8 — APROPRIAÇÃO INDÉBITA

Desde 1952, Lacerda vem embolsando milhões de cruzeiros de contribuições que desconta de seus empregados, mas que não recolhe aos Institutos de Previdência. Autuado várias vezes, na iminência de ver vendidas em hasta pública máquinas de seu jornal para o pagamento dessas dívidas, somente assim aceitou assinar acordos para sua liquidação. Mas, também esses acordos não passaram de mero golpe, pois ele não os cumpre senão numa parte insignificante, apenas para efeito de ganhar tempo.

## 9 — CAMPEÃO DO CALOTE

Demagogo que enchia a boca com os piores apodos aos responsáveis pela «falência» dos institutos. Lacerda é no entanto um devedor relapso, o mais renitente caloteiro que os IAPs já conheceram. Pois não só empalma, para suas negociatas, as contribuições que desconta de seus empregados, como também não paga as suas próprias contribuições de empregador. Ele manipula, assim, os dinheiros da Previdência Social para fazer circular o seu jornal, para especular no mercado imobiliário e em outros setores. São mais de vinte e quatro milhões de cruzeiros que estão faltando

nos cofres do IAPI, do IAPC e do IAPTEC. Denunciado publicamente, foi à TV na semana passada para confirmar sua condição de caloteiro, mas sobretudo para dizer, com todo o desplante, que deve e não paga porque não se considera obrigado a entregar esse dinheiro «aos gatunos dos institutos».

## 10 — O NOVO HITLER

Carreirista da traição, delator contumaz desde os verdes anos, em 1935 como ainda no ano passado, na fracassada tentativa de Aragarças; ainda ontem simples redator do «Correio da Manhã», hoje rico, dono de mais de sessenta milhões de cruzeiros; falsário da «Carta Brandi», ladrão do Estado, delinqüente da Previdência Social, agente dos trustes que espoliam o empobrecido povo brasileiro, golpista de todas as horas e em todos os sentidos, Lacerda é também um candidato a Hitler. À frente de grupos terraristas, numa reedição das façanhas das SS, invade propriedades alheias, agride e espanca operários, depreda oficinas gráficas e ameaça implantar, em definitivo, o terror pardo de seu defunto modelo. É a cabeça do néo-fascismo que tenta erguer-se, sonhando transformar a Guanabara em ponto de apoio para a implantação de uma ditadura no Brasil.



Com fúria nazista

Depois de invadir o estabelecimento gráfico do IAPI, Lacerda, com a numerosa capangagem, atirou-se com fúria nazista contra as máquinas impressoras, uma das quais, no valor de 6 milhões de cruzeiros, ficou seriamente danificada. Não contentes com a destruição do material, os criminosos agrediram covardemente operários e outros presentes que se encontravam no local, entre os quais o chefe do gabinete do presidente da autarquia e o general Batista Texeira, que na rua foi massacrado por um grupo de sua resolução. Foi apenas uma amostra do que seria Lacerda no governo...

# Kruschiov Conquista ONU: Imperialismo na Defensiva

No dia 19 de setembro a «tragédia» estava consumada. Apesar de todos os esforços do Governo norte-americano, apesar de toda a pressão feita pelo Departamento de Estado junto aos governos de todo o mundo, apesar das provocações anunciadas com uma semana de antecedência, o «Baltika» chega a Nova York trazendo o presidente do Conselho de Ministros da União Soviética Nikita Kruschiov. Ao mesmo tempo, anunciava-se a presença de grande número de chefes de Estado de todos os quadrantes da Terra. As agências imperialistas, numa última tentativa para evitar que a opinião pública mundial se concentrasse no que ia acontecer no edifício da Organização das Nações Unidas, passaram a boicotar as informações de novos e novos governantes que se decidiam a aceitar a proposta do Governo soviético para que a XV Assembleia Geral da ONU se transformasse numa assembleia mundial de estadistas. Todas as manobras, porém, foram inúteis. Desde os primeiros dias da sessão já se sabia que mais de vinte governantes estariam presentes, contra a vontade dos Estados Unidos e de seus aliados da OTAN e outros blocos militares.

Nova York passou a ser uma cidade clandestina. E clandestina exatamente para os governantes, e não para quaisquer agentes «subversivos». O presidente Eisenhower vai falar na ONU mas quem chefiava a delegação norte-americana é o sr. Christian Herter, chefe do Departamento de Estado. Em outras palavras, Eisenhower é um verdadeiro «penetra» numa festa mundial que se realiza em seu próprio país, a convite da União Soviética. Mais de uma centena de industriais e banqueiros norte-americanos e canadenses oferecem um banquete a Kruschiov, num ambiente de quase «ilegalidade», uma vez que o banquete foi realizado fora da área fixada pelo Departamento de Estado para a permanência de Kruschiov em Nova York.

### Por que a histeria?

A chegada de Kruschiov a Nova York provocou a maior queda na bolsa de valores da cidade, desde a célebre crise mundial do capitalismo em 1929. Diariamente, os valores das ações das grandes companhias ligadas à indústria bélica descem sem parar. Em Bonn, o herdeiro e continuador de Hitler, Konrad Adenauer, declara enfaticamente que o capitalismo sofreu uma derrota fragorosa e que a hegemonia mundial se desloca cada vez mais para o campo do socialismo e da paz.

De fato a derrota foi tão grande e tão evidente que o próprio governo norte-americano se viu obrigado a modificar sua tática inicial. Eisenhower tinha declarado anteriormente que só iria à ONU para fazer um discurso e voltaria imediatamente para Washington. Em vez disto, o que vemos é que o presidente dos trustes belicistas é obrigado a permanecer o tempo todo em Nova York na incômoda posição do «penetra» que sabe que todo mundo está olhando para ele e fica então sem saber se entra ou não na festa. Herter, que há uns dias delegações socialistas e afro-americanas era «impossível» e «extremamente ridículo», não pode arrear o pé do edifício da ONU, mesmo quando os governantes de Gana, Kwame Nkruma, da URSS, Nikita Kruschiov, e de Cuba, Fidel

Castro, arrasam a política colonialista dos Estados Unidos e de seus aliados, sob os aplausos calorosos das delegações socialistas e afro-asiáticas, e mesmo de alguns latino-americanos e europeus.

### O contraste

Nikita Kruschiov falou na ONU na sexta-feira passada, um dia depois do discurso de Eisenhower. Os chefes dos dois Estados líderes do capitalismo e do socialismo definiram a política que defendem para as relações internacionais. Mais ainda, os discursos foram pronunciados perante uma assembleia decisiva na história das Nações Unidas porque pela primeira vez estavam reunidos tantos estadistas responsáveis pelos destinos de centenas de milhões de pessoas em todo o mundo numa conferência de cúpula não dos «grandes», mas de todo o mundo. Era uma oportunidade única para apresentar planos e propostas novas sobre todos os problemas que preocupam o mundo. Isso foi feito por Kruschiov e por outros dirigentes socialistas e afro-asiáticos. O discurso de Eisenhower, entretanto, que tinha sido anunciado como uma «bomba», foi um traque dos mais chifrins, dos que não assusta ninguém.

O presidente norte-americano, segundo mostrou em seu discurso, só quer tratar de desarmamento da Lua para cima. Quanto à Terra, não se deu nem ao menos ao trabalho de repetir as velhas propostas norte-americanas. Do discurso de Eisenhower, a própria imprensa burguesa, interessadíssima em fazer propaganda dos Estados Unidos, só conseguiu ressaltar dois pontos: o desarmamento em Marte e outros espaços celestes, e a «ajuda à África», miserável plano de esmolas que os norte-americanos se apresaram em apresentar com 5 milhões de dólares. Como a África tem 250 milhões de habitantes, conclui-se que os EUA pretendem resolver os problemas africanos dando dois cents, isto é, quatro cruzeiros para cada africano... dinheiro suficiente para comprar um picolé...

Com exceção destes dois pontos, que já tinham sido apresentados inúmeras vezes e que foram rechaçados como insuficientes por todos os interessados, Eisenhower nada disse. O discurso do presidente dos Estados Unidos pode ser simbolizado pela maneira que entrou e saiu do salão da ONU: pela porta lateral, como um contínuo sem qualquer importância.

### Kruschiov tem o que dizer

O problema é que Eisenhower não falou porque não tinha o que dizer. Pelo contrário, o discurso de Kruschiov foi uma análise completa de todos os problemas mundiais, incluindo propostas positivas sobre todos eles. A atuação da ONU, o desarmamento, o problema de Berlim e da Alemanha, Cuba, o Congo e a África, o colonialismo, em particular na Argélia, a situação na Ásia, principalmente na Coreia, tô-



### Harlem é fidelista

Desde o momento em que foi anunciado que Fidel Castro e a delegação cubana se hospedariam num hotel do Harlem, os habitantes do bairro negro começaram a ir aos milhares para as proximidades do hotel saudar os revolucionários de Cuba. Era a resposta dos norte-americanos simples às provocações do Departamento de Estado contra Fidel e seus companheiros. (Foto Prensa Latina).

Desde o momento em que foi anunciado que Fidel Castro e a delegação cubana se hospedariam num hotel do Harlem, os habitantes do bairro negro começaram a ir aos milhares para as proximidades do hotel saudar os revolucionários de Cuba. Era a resposta dos norte-americanos simples às provocações do Departamento de Estado contra Fidel e seus companheiros. (Foto Prensa Latina).

manha ou da Coreia porque não desejam acabar com a ameaça de guerra que alimenta as fábricas de armas dos monopolistas dos EUA, Inglaterra, França e Alemanha Ocidental. A hora final do colonialismo e do imperialismo se aproxima rapidamente, mas estes senhores se aferram aos seus privilégios. E preciso quebrar um um os dentes das feras. E é isto que está acontecendo na ONU e é por isso que eles não queriam a reunião mundial de governantes e procuraram boicotá-la por todos os meios e modos.

tecendo na ONU e é por isso que eles não queriam a reunião mundial de governantes e procuraram boicotá-la por todos os meios e modos.

### África, Ásia e América Latina

No grande processo de desmascaramento do imperialismo, os povos da Ásia, América Latina e da

África foram representados condignamente. Seus dirigentes, em especial o presidente de Gana, Kwame Nkruma, e Fidel Castro, fizeram uma acusação completa e impiedosa do imperialismo e do colonialismo. Nkruma denunciou a atuação do colonialismo belga e seus aliados da OTAN e do secretário-geral da ONU para derrubar o governo popular e independente de Patrice Lumumba. Nkruma definiu a política dos países jovens da África contra as manobras dos que ainda têm esperança em restaurar o colonialismo ou em impedir a independência dos povos coloniais. A África é uma só e não sossegará enquanto todo o continente não estiver livre da praga imperialista.

O que levou ao desespero quase completo os norte-americanos e seus parceiros foi a acolhida entusiástica das delegações afro-asiáticas a Fidel Castro. Como se não bastasse o fato de que milhares e milhares de pessoas todos os dias se concentram junto ao hotel do Harlem em que a delegação cubana está hospedada para aplaudir os revolucionários, os EUA tiveram que aguentar dentro da ONU uma acusação completa de suas agressões contra Cuba durante quatro horas. Vestido com seu simples uniforme de campanha, Fidel mostrou porque os Estados Unidos consideram seu governo como «comunista»: enquanto não tocou nos interesses dos monopolistas norte-americanos que dominavam a economia cubana, o Governo Revolucionário não foi atacado pelo Departamento de Estado. As acusações e provocações só começaram quando se acabou com os privilégios concedidos aos trustes pela ditadura de Batista, quando foi decretada a reforma agrária e a nacionalização das empresas estrangeiras que boicotavam a economia do país. Ai então Fidel começou a ser comunista para os Estados Unidos, do mesmo modo que são «comunistas» o presidente Kwame Nkruma, o primeiro-ministro Patrice Lumumba e todos aqueles que se opõem à exploração colonial e às imposições políticas militares dos imperialistas.

Infelizmente, para os imperialistas, estes comunistas começaram a constituir a maioria em todo o mundo e na própria ONU.

## Nota Internacional

O discurso pronunciado nas Nações Unidas pelo Presidente Kwame Nkruma de Gana, na sexta-feira, pode ser considerado como um verdadeiro sinal dos tempos. A grande missão da ONU, a missão que todos os povos do mundo gostariam de a organização mundial cumprir, a de preservar a paz e defender os países mais fracos contra as agressões imperialistas e colonialistas, começou a se tornar uma realidade, a sair do terreno das aspirações e ideais. O fato de que tenha sido exatamente uma líder e não um chefe de Estado a assumir a tarefa de fazer o processo do colonialismo e do imperialismo perder o significado de acontecimento, como expressão de uma nova situação mundial, a África de pessoas livres e um grande continente em desenvolvimento, onde os milhões de representantes do sistema colonial do imperialismo não são mais vistos como vítimas passivas, mas como sujeitos ativos da luta internacional e da luta por uma nova ordem mundial.

Um exemplo claro da importância dos países independentes da África nos é dado pela atual situação no Congo. Todos os esforços do colonialismo belga, apoiado pelas potências imperialistas da OTAN e pelo secretário-geral da ONU, têm esbarreado com a oposição férrea desses países, principalmente Gana e Guiné, que não abandonaram nem abandonarão seus irmãos congaleses, na sua luta tão desigual. Várias manobras foram tentadas para retirar as tropas destes países e substituí-las por forças da OTAN, sucedendo resultados para os paraquedistas belgas. Provoações são feitas com o auxílio de elementos de confiança do colonialismo para impedir que se ponha fim à desorganização do país, no mesmo tempo que se procura anular as mãos do Governo de Patrice Lumumba, exatamente para justificar uma ação mais energética dos auxiliares do sr. Herter. A África, entretanto, já é uma só e o colonialismo está condenado.

## África de pé

Em resumo, Kruschiov apresentou o ponto de vista soviético sobre os princípios que poderão reger a coexistência pacífica entre todos os Estados numa base de respeito recíproco à autodeterminação dos povos e de não intervenção nos assuntos alheios. A própria proposta de mudança da sede da ONU representa uma exigência que a própria realidade nova que existe hoje no mundo impõe. Passou o tempo em que as Nações Unidas cumpriram apenas as imposições da política norte-americana. O sistema mundial do capitalismo e o bloco de países neutralistas da África e da Ásia estão fazendo com que as belas palavras que definem a missão da ONU como preservar a paz e defender os povos mais fracos das agressões imperialistas se transformem em realidade apesar da resistência obstinada dos Estados Unidos e de seus aliados colonialistas.

Aos planos e propostas de Kruschiov, entretanto, os imperialistas não têm nada a responder. Não querem o desarmamento, opõem-se à discussão e condenação do colonialismo na ONU, querem preservar a atual estrutura e localização da ONU porque é a que serve melhor a seus interesses de dominação econômica do mundo e de aventuras guerreiras, não querem resolver o problema de Berlim, da Ale-



### Kruschiov vai ao «Theresa»

## Plano Soviético de Desarmamento

- 1) A primeira etapa do desarmamento compreenderá:
  - 1) A eliminação dos veículos portadores de armas nucleares das Forças Armadas dos Estados e a sua destruição.
  - 2) A redução das forças clássicas dos Estados Unidos e da União Soviética, que ficarão limitadas a 1.700.000 homens.
  - 3) Supressão das bases no estrangeiro;
  - 4) Proibição do lançamento de satélites capazes de transportar engenhos nucleares fora dos limites do território nacional;
  - 5) O lançamento de foguetes se fará somente com fins pacíficos e se realizarão inspeções nos lugares de lançamento;
  - 6) Compromisso das potências nucleares para não darem armas atômicas nem meios de fabricação aos Estados que não as possuem e proibição de fabricar tais armas;

O chefe do Governo soviético foi ao hotel de Fidel Castro, como ele mesmo afirmou, render homenagem ao herói nacional que libertou Cuba da ditadura de Batista. Os dois dirigentes conferenciaram durante uma hora e depois se encontraram outras vezes na sede da ONU e na embaixada soviética para discutir os problemas internacionais. (Foto Prensa Latina).

- 7) Redução das despesas militares.
  - 8) Segunda etapa inclui:
    - 1) Proibição total e eliminação das armas de destruição em massa;
    - 2) Novas reduções das forças armadas clássicas até ao nível combinado.
  - 9) A terceira etapa prevê:
    - 1) Completa abolição das forças armadas de todos os Estados, com exclusão das forças de polícia;
    - 2) Destruição de todos os armamentos que ainda existam;
    - 3) Abolição dos Ministérios da Defesa, dos Estados-Maiores e de todas as organizações militares ou para-militares;
    - 4) Abolição dos orçamentos militares e a utilização desses fundos para auxílio aos países subdesenvolvidos.
- Para cada uma dessas etapas são previstas no plano medidas de controle extremamente detalhadas.

### EUA manobram contra Governo do Laos

O noticiário das agências imperialistas continua provocando confusão no que diz respeito à situação do Laos. Um general mais norte-americano do que propriamente laociano procura dar um golpe militar contra o Governo neutralista do príncipe Souvanna Phouma e as agências falam de um «golpe comunista».

Ao mesmo tempo, procuram diminuir a participação agressiva da Tailândia, uma das cabeças-de-ponte da Organização do Tratado do Sudeste Asiático, que também é muito mais norte-americana do que asiática. Entretanto, foi na Tailândia que os golpistas arranjaram armas e homens para invadir o Laos, com o apoio da artilharia tailandesa, que bombardeou a capital real durante várias horas.

A perda de suas posições no Laos constitui uma derrota muito séria para a estratégia militar dirigida pelos Estados Unidos contra a China Popular, o Viet-Nam democrático e o Cambódia. Por outro lado, o neutralismo do Laos representa um incentivo às forças políticas independentes da Tailândia. É uma pena...



# Dez Razões Para Eleger Lott e Jango

## 1 — Nacionalismo

A primeira razão para votar em Lott e Jango está na estreita identificação dessas candidaturas com o movimento nacionalista. Muito antes de serem cogitados pelas cúpulas partidárias, os nomes de Lott e Jango já estavam nas ruas, levantados pelos setores nacionalistas das Forças Armadas, pelos sindicatos operários e pelos estudantes, como os candidatos naturais do movimento nacionalista. Todo o país assistiu à intensa luta que se travou, durante me-

ses, para que as cúpulas partidárias aceitassem e, finalmente, apoiassem a indicação de Lott e Jango como seus candidatos em 3 de outubro. Antes mesmo da vitória nas urnas, a própria adoção dos candidatos nacionalistas pelas direções do PSD e do PTB já representou uma grande vitória das forças democráticas e populares, e uma demonstração de pujança da frente única que se está formando no País, pela emancipação nacional.

## 2 — Defesa da Petrobrás

Poucos entre os 60 milhões de brasileiros ainda ignoram que a pedra-de-taque da emancipação nacional está na questão do petróleo. Enquanto não estiver completamente livre da espoliação e da influência corruptora dos trustes estrangeiros do petróleo, o Brasil não poderá considerar-se dono do seu destino; e o caminho dessa libertação é a defesa intransigente e o constante reforçamento do monopólio estatal da Petrobrás. O marechal Lott é a garantia de que o estatuto da Petrobrás será respeitado, e de que a em-

presa estatal poderá cumprir com crescente eficiência o papel vital que lhe cabe na luta de nosso povo pela independência política e econômica. Foi o candidato nacionalista, quando Ministro da Guerra, quem lançou o célebre lema — «A Petrobrás é intocável» — salvando o monopólio estatal da sanha dos trustes, num momento de extrema gravidade, em que o próprio Foster Dulles se encontrava no Brasil, pressionando o governo Kubitschek, para obter a entrega de nosso petróleo à Standard Oil.

## 3 — Desenvolvimento independente

Precisamente por suas vinculações com o movimento nacionalista, e por seu caráter independente em relação aos grupos econômicos, Lott representa a perspectiva de rompimento com a atual política «desenvolvimentista» do governo, baseado em apelos constantes à ajuda das que espoliam a nação, e de adoção de uma política de desenvolvimento independente e nacionalista,

baseada na utilização dos próprios recursos nacionais. Com apoio no povo, e na crescente influência do movimento nacionalista, bem como no formidável avanço das forças de paz e do socialismo no mundo, o governo do marechal Lott, e só ele, na atual conjuntura, tem condições para tornar-se o governo da Independência econômica nacional.

## 4 — Limitação da remessa de lucros

Um dos temas constantes da campanha do marechal Lott é a necessidade de controle e limitação das remessas de lucros das empresas estrangeiras para o exterior. «Uma das primeiras medidas de meu governo — disse Lott — será conter a drenagem de recursos nacionais para o exterior através das

remessas de lucros». Dessa forma, a eleição do candidato nacionalista será a garantia de que o País caminhará para a eliminação desse foco de empobrecimento nacional, de inflação e de carestia que é o regime vigente de espoliação incontrolada e limitada do trabalho e dos recursos nacionais pelos trustes estrangeiros.

## 5 — Legalidade democrática

Lott e Jango, que estiveram juntos na batalha contra o golpe, em 11 de novembro de 55, representarão, eleitos, certeza de que o País terá um governo de respeito às liberdades democráticas e à Constituição. O marechal Lott é, ainda, firme defensor da

extensão do direito de voto aos analfabetos e praças-de-pré, medida que, uma vez adotada, representará um extraordinário avanço no rumo da consolidação e ampliação da democracia no País.



## Praia Grande com Lott e Jango

No Estado do Rio, a vitória dos candidatos nacionalistas Lott e Jango será esmagadora. Nos comícios já realizados nos mais distantes pontos da terra fluminense, e dos quais tem participado ativamente o governador Roberto Silveira, centenas de milhares de pessoas saem às ruas para manifestar seu apoio aos candidatos das forças populares e democráticas — Lott e Jango. Na foto, aspecto da grandiosa manifestação popular tributada pelo povo de Niterói, na Praça do Barreto, aos candidatos Lott e Jango, no mês de junho último, quando a campanha estava ainda no seu início.

## 6 — Direitos dos trabalhadores

Os candidatos nacionalistas se comprometem a defender os direitos adquiridos dos trabalhadores e zelar pelo seu real cumprimento, e a apoiar medidas que representem novas e grandes conquistas das classes que trabalham, tais como a extensão da legislação trabalhista aos camponeses, plena autonomia e liberdade sindical, a adoção do sistema de salário-móvel, etc. Jango, de quem Prestes disse ser «o único membro proeminente do atual governo que sempre se colocou ao

lado das reivindicações mais urgentes dos trabalhadores», e Lott, por sua origem modesta, por seus 40 anos de vida inteiramente dedicados ao serviço público, sem envolver-se em grupos ou negociações de qualquer espécie, e por suas vinculações com as forças nacionalistas e democráticas, são os únicos candidatos aos dois postos máximos do Governo, nas próximas eleições, capazes de colocar-se ao lado dos trabalhadores, em suas lutas.

## 7 — Unidade nacional

O governo do marechal Lott, não obedecendo aos interesses dos latifundiários e banqueiros paulistas, irá ao encontro da necessidade de preservação da unidade nacional, hoje ameaçada pelo regime de miséria e atraso em que foram deixados o Norte e o Nordeste.

te do País. Uma das peças básicas do programa dos candidatos nacionalistas é a promoção de uma política de desenvolvimento econômico e social, por iniciativa do Estado, para o Norte e Nordeste.

## 8 — Escola pública

Antes mesmo de ser eleito, o marechal Lott já tem sido uma barreira contra a ofensiva empreendida pelos comerciantes do ensino contra a escola pública. Seus constantes pronunciamentos em favor da realização do princípio constitucional que obriga o Estado a fornecer ensino primário gratuito e obrigatório para todos, e contra as tentativas de desviar para os bolsos dos donos de colégio os recursos públicos destinados ao ensino, são uma garantia de que seu governo será o da

luta sem tréguas contra a praga do analfabetismo. Entre as «metas» do candidato nacionalista, ocupa um lugar de primeira linha a da construção de escolas públicas para todas as crianças brasileiras em idade escolar.

## 9 — Governo independente

«Sou um candidato do povo, e não dos grupos econômicos», disse o marechal Lott, e ninguém contestou a sua afirmação. A luta desenfiada que a Light, a Esso e todos os trustes estrangeiros, e, mesmo, os brasileiros,

empreenderam contra a sua atuação no Ministério da Guerra, e agora contra a sua candidatura, são a melhor prova de que o seu governo não apenas será independente da pressão dos trustes, mas será um governo contra os domínios e os privilégios dos trustes.

## 10 — Governo de moralidade

A nunca negada honradês pessoal do marechal Lott — nem mesmo pelos seus mais ferrenhos adversários — tem sido inclusive um fator de perda de alguns votos para a sua candidatura. Recusando-se terminantemente a aceitar qualquer barganha, conchavo ou compromisso com os políticos e donos de «currais» eleitorais, o candidato nacionalista certamente pôs contra ele certas cúpulas de políticos corruptos, mas deu a todo povo a garantia de

que dará ao País e governo de moralização administrativa e de honestidade. E não a moralidade de fachada dos demagogos udenistas, que persegue o pequeno funcionário mas é cúmplice dos «tubarões», mas a moralidade que se volta contra os verdadeiros focos de corrupção e negociações responsáveis pela miséria do povo: o regime de espoliação e privilégios dos grupos econômicos.

# NOVOS RUMOS



## JK está com Lott

Por mais de uma vez, em Brasília, no Rio ou no Recife, o presidente Juscelino Kubitschek manifestou seu integral apoio às candidaturas do marechal Teixeira Lott e João Goulart. No Recife, onde JK recebeu a semana passada grande consagração popular, o presidente pediu ao povo que votasse nos candidatos do seu partido: Lott e Jango.



## Lott e os trabalhadores

Na ABI, Lott e Jango encontraram-se, mais uma vez, com os representantes dos trabalhadores cariocas. Suas candidaturas estão identificadas com as reivindicações da classe operária. Na foto, Lott fala de seu programa, todo ele voltado para os interesses nacionais do Brasil, para o bem-estar dos trabalhadores. Elegerlo, juntamente com Jango, é a garantia de nossa emancipação econômica.

# Por Quê Eleger Sérgio Magalhães

## 1 - Nacionalismo

O nome de Sérgio Magalhães está irreversivelmente ligado ao movimento nacionalista, que hoje congrega e mobiliza todo o povo brasileiro no embate contra os trustes e monopólios estrangeiros, já que é ele o autor dos projetos que estabelecem medidas restritivas à remessa de lucros das empresas imperialistas para o exterior, que propõem a nacionalização dos frigoríficos estrangeiros monopolizadores do mercado de carne, e advogam outras medidas que visam extinguir a espoliação de nosso povo, pelos grupos imperialistas estrangeiros.

Com 123 projetos apresentados, Sérgio Magalhães notabilizou-se como legislador dos mais operosos e eficientes, impondo-se ao respeito de seus colegas, que por duas vezes elegeram-no para a 1ª Vice-Presidência da Câmara Federal. Sua atividade parlamentar, exercida com independência e serenidade, valeu-lhe, em várias ocasiões, a inclusão entre os dez melhores deputados escolhidos pelos repórteres políticos credenciados junto àquela casa.

## 2 - Atuação parlamentar

## 3 - Independência

O surgimento e a consolidação da candidatura Sérgio Magalhães, acima e muitas vezes contra as cúpulas partidárias, e sempre em oposição frontal aos grupos econômico-financeiros, caracterizam-na como de inspiração e sustentação popular, o que garante ao seu governo não só independência, como força para enfrentar os poderosos interesses de companhias como a Light e a Wilson. E nesse sentido seu programa prevê a criação da Cia. Metropolitana de Telefones que, quebrando o monopólio da Companhia Telefônica Brasileira, (Ligth), proporcionará ao carioca a possibilidade de obter telefone a preço acessível e em tempo razoável.

Só um candidato nacionalista, popular e independente está apto a combater a pressão monopolística dos moinhos, frigoríficos, e da indústria de laticínios, que forçam o aumento incessante nos preços do pão, da carne e do leite, porque, tendo compromissos apenas com o povo, pode erguer uma barreira à ganância dos especuladores.

## 4 - Luta contra a carestia

## 5 - Defesa da escola pública

Desvinculado dos mercadores do ensino, Sérgio Magalhães surge como o defensor da escola pública, para a qual, em seu governo, serão canalizadas tôdas as verbas oficiais do ensino, a fim de ser ampliada a rede escolar do Estado da Guanabara, proporcionando-se, assim, conforme determina a Constituição, instrução primária obrigatória e gratuita para todos.



Uma candidatura erguida pelas bases

A candidatura de Sérgio foi imposta pela pressão popular, num momento em que as cúpulas partidárias fracassavam — alguns não fracassaram, e sim conseguiram sabotar — na tentativa de fazer a aliança das forças nacionalistas e democráticas, contra Lacerda. Sérgio surgiu como o candidato dessa aliança, levantado pelas bases.



## Candidatos contra os trustes

Sérgio é na Guanabara o representante do movimento nacionalista, que conduziu Lott e Jango à vitória no próximo pleito. Tal como o marechal Lott, ele é um candidato contra a Light, a Esso e os outros trustes que espoliam o povo brasileiro, e por isso é tenazmente combatido por eles, através da imprensa de aluguel e dos políticos corrompidos.

No exercício da presidência da Câmara, Sérgio Magalhães liderou a batalha para que se garantisse a autonomia do Estado da Guanabara antes da transferência da capital federal para Brasília, quando houve o perigo de ficar o novo Estado sob regime de intervenção por tempo indeterminado. Não fôsse a sua ação enérgica e ainda hoje os cariocas não seriam donos de seu próprio destino político, dentro da União.

## 6 - Autonomia da Guanabara

## 7 - Honestidade

Sérgio Magalhães é um homem pobre e honrado, que nunca se valeu de sua condição de deputado para fazer negociações, tentar permutas fraudulentas com o Estado, ou sonegar o imposto de renda. É ele o candidato que, de fato, empunha a bandeira da moralização e da honestidade, contra a corrupção.

Além de seus dois mandatos na Câmara Federal, Sérgio Magalhães foi diretor do Departamento de Limpeza Urbana em 1938, diretor do Departamento de Geografia e Estatística da PDF em 1939 e diretor do Montepio dos Empregados Municipais em 1951, cargos onde a eficácia de sua ação se fez sentir através de excelentes resultados, o que lhe deram invulgar prestígio entre o funcionalismo.

## 8 - Experiência administrativa

## 9 - Programa de governo

O programa de Sérgio Magalhães é todo voltado para as reivindicações dos trabalhadores e do povo. Promoverá a reforma agrária, nos limites possíveis da administração estadual, no sertão carioca. Promoverá a construção de casas e apartamentos financiados para os operários, próximos aos locais de trabalho. Dará água e esgotos à Zona Norte, sempre prejudicada por governos que só olhavam para a Zona Sul. Fará um governo democrático e já convidou inclusive os sindicatos operários a que governem com ele, sugerindo medidas e criticando erros.

Sérgio Magalhães é o candidato da mais ampla frente popular, democrática e nacionalista atuante no Estado da Guanabara. Se o nome é o único capaz de aglutinar as forças eleitorais cariocas interessadas em derrotar o policial, entreguista e negociista Carlos Lacerda.

## 10 - O anti-Lacerda

# NOVOS RUMOS

MONSTRUOSO ACÓRDO DE JÂNIO COM A LIGHT (1958)

# Até a Água Que Bebem os Paulistas Pagarão ao Truste!

Reportagem de JOSUÉ ALMEIDA

Uma das maiores safadezas praticadas por Jânio Quadros quando à frente do governo de S. Paulo, está agora produzindo seus piores frutos. De acordo com um contrato firmado entre Jânio e a Light — contrato entreguista e completamente ilegal — o Governo do Estado teria que entregar à Light muitas centenas de milhões de cruzeiros, a título de indenização pela água consumida pela população paulistana. As vinculações e compromissos que prendem o atual governador janista — Carvalho Pinto — à Light, fazem com que também nesse caso, os interesses do Estado tenham que ser defendidos pela oposição nacionalista. Sim, porque a tendência do sr. Carvalho Pinto é no sentido de entregar à Light centenas de milhões de cruzeiros pagos pelo povo e dos quais o truste deseja apoderar-se.

Mostrou um exemplar da revista PN, de 1953, na qual declarava o sr. Jânio Quadros: «para resolver o problema do abastecimento de água da Capital e de energia elétrica, o truste deveria ter sido afastado de nossa região.» Isso dizia Jânio em 1953, quando tinha os olhos voltados para o Governo do Estado. Entretanto, uma vez instalado neste, já no fim do seu mandato, em 1958, assinou um acordo monstruoso com a Light, pelo qual a sede e as necessidades de água da população ficavam na dependência do pagamento ao truste por essa mesma água...

## A condição

No discurso que pronunciou da tribuna da Assembléia Legislativa de S. Paulo, o deputado Jéthero Cardoso fez um histórico das diferentes tentativas empreendidas pela Light durante vários decênios no sentido de conseguir a privilegiada situação que, finalmente, o então governador Jânio Quadros lhe assegurou.

Resumidamente, a história foi esta: desde 1906 vem a Light dando passos para apoderar-se dos diversos mananciais circunvizinhos à Capital paulistana, primeiro sob a alegação de que era preciso regularizar o rio Guarapiranga e evitar as enchentes que então assolavam S. Paulo. Mais tarde, a pretensão foi renovada, já agora para utilização das águas do Guarapiranga na produção de eletricidade. Como o mencionado rio corre num nível abaixo da represa do Cubatão, propunha-se a Light a retirar uma parte das suas águas, elevando-as, por meio de bombas, para a represa, que fica no alto da serra do Mar. A energia assim produzida é muito mais cara e tecnicamente o projeto era desaconselhável.

Entretanto, conseguiu a Light obter a concessão do governo federal, através do Decreto nº 16.844, de 27 de março de 1925. Deu-o o presidente Arthur Bernardes, mas fixou, expressamente, as condições em que a Light poderia utilizá-la. E logo no artigo 1º do mencionado Decreto estabelecia: «Na execução das obras compreendidas no plano ora aprovado, a São Paulo Tramway Light and Power fica obrigada a observar as seguintes condições: a) — não prejudicar o abastecimento de água às populações que seriam naturalmente servidas pelos mananciais a captar...» (O destaque é nosso).

## Mas, a Light não cumpriu...

E que populações seriam «naturalmente servidas» pelo Guarapi-

ranga, que é referido como «os mananciais a captar»? As de S. Paulo e municípios do ABC. Tampouco era ignorado o ritmo de expansão da população bandeirante, pois estudos a respeito, bastante preciosos, já haviam sido feitos desde 1926 pelo engenheiro Henrique Novais. Prosseguindo, o engenheiro Jéthero Cardoso mostrou, em termos técnicos, quais seriam as necessidades de água para o consumo da população, isto é, aquelas quantidades de água do rio Guarapiranga de que a população precisaria e de que, portanto, nos termos da exigência fixada por Arthur Bernardes, a Light não poderia lançar mão. A vazão média do mencionado rio é de 11 metros cúbicos por segundo.

Pois bem. Segundo um contrato entreguista assinado em 1928 pelo governador Júlio Prestes (que ganhou as eleições presidenciais a bico de pena, em 1930, mas que não foi empossado em face da revolução), a Light poderia retirar do Guarapiranga um volume de água tal que deixasse para o consumo da população pelo menos 4 metros cúbicos por segundo. Esse número, porém, como tinha sido previsto, revelou-se insuficiente, não dava para atender ao consumo. Assim, a Light deixava de cumprir a primeira condição imposta por Bernardes para realizar a obra pleiteada. Com isso, automaticamente, ficava nulo o ato entreguista de Júlio Prestes.

Posteriormente, em 1934, o Código de Águas vinha em reforço dessa nulidade, como continuou mostrando o deputado Jéthero Cardoso. Com efeito, o Código de Águas, consagrando um ponto de vista universal, resguarda, antes de tudo, as necessidades da população em água, nos casos de aproveitamentos de energia elétrica. Disse, então, a propósito o deputado Cardoso: «Eu não sei se beber água é entendido pelo truste como necessidade humana, da vida. Talvez, nos tempos modernos, para nossos governantes as necessidades primárias e humanas da vida sejam o lucro fácil, corrupção desenfreada, o domínio brutal de poderes políticos pela Light».

## Jânio vai além

A consequência dessa criminosa política em relação à Light foi o agravamento dramático do problema da água para a população de S. Paulo. A solução seria exatamente a que Jânio Quadros preconizava em 1953, mas que não adotou, em 1958. Ao contrário, quando teve nas mãos a chance e toda uma montanha de razões — desde as de ordem legal, até as de ordem

moral — para solucionar a questão, preferiu Jânio Quadros reforçar as posições da Light, contra os interesses de S. Paulo. E firmou o acordo de 1958.

Segundo tal acordo, o Estado retiraria do rio Guarapiranga mais de 4 metros cúbicos de água por segundo e, por esse excedente, pagaria à Light, como se o rio pertencesse ao truste! Além disso, prometeu também realizar grandes inversões do Estado, em obras outras para fornecer à Light a água que ela «perdia» em face da maior retirada do Guarapiranga para abastecer a população. Os prejuízos que tais concessões trouxeram ao Estado são incalculáveis. Deixou de ser construída uma poderosa central hidrelétrica de 55 mil quilowatts e, em vez dela, foi construída a termelétrica de Juquiá, onde cada quilowatt-hora custa mais de 7 cruzeiros!

Não é casual que, em sua plataforma apresentada em Recife, fale Jânio Quadros na construção de outras termelétricas como essa famosa de Juquiá.

## Há outras fontes

Poder-se-ia perguntar: e se a concessão tivesse sido negada à Light, não iria faltar energia? De onde viria a energia que o progresso de S. Paulo reclama? A resposta a esta pergunta é outra história vergonhosa da administração entreguista de Jânio Quadros. Sim, porque bem perto da capital bandeirante, entre S. Paulo e o Rio de Janeiro, situa-se o riquíssimo manancial de Caraguatubá, que

poderia produzir a baixo preço 1 milhão de cavalos de energia elétrica. Para realizá-lo, porém seria preciso afetar certas concessões já dadas à Light. E como a Light não permite, fica a mais rica região do Brasil privada da fonte de energia mais abundante e mais barata. Na sabotagem a Caraguatubá, teve a Light em Jânio Quadros e no entreguista Otávio Marcondes Ferraz dois prestimosos agentes.

## Nulidade total

Mas, se não bastassem as razões apontadas pelo deputado Jéthero de Faria Cardoso, para mostrar que são nulos tais acordos com a Light, juntou ele mais esta razão decisiva: o convênio assinado entre Jânio Quadros e a Light não pode entrar em vigor porque não foi submetido à aprovação da Assembléia Legislativa, exigência que é feita pela Constituição Estadual em seu art. 20, letra «f». E, se nulo é o acordo, disse, concluindo sua exposição, o parlamentar nacionalista, o Estado nada pode pagar à Light; o governador janista Carvalho Pinto não poderá executá-lo sem incorrer em crime de responsabilidade e contra os interesses nacionais; nenhum funcionário público, quer do Estado ou das sociedades anônimas de energia elétrica do Estado, pode dar andamento a tal documento.

Em tais condições, caberá aos paulistas que amam sua terra e o Brasil, jogar a última pá de cal sobre esse acordo entreguista, derrotando o entreguista que o assinou — o candidato Jânio Quadros.

# Dicionário

## A Divisão Natural do Trabalho

É difícil avaliar hoje, com exatidão, a imensa importância que teve a primeira divisão do trabalho na sociedade humana, isto é, a distribuição de determinados encargos entre determinados grupos sociais. A forma mais simples dessa divisão foi a divisão natural do trabalho. Sob essa forma, os critérios para a divisão do trabalho eram o sexo e a idade: entre adultos, crianças e velhos e entre homens e mulheres. É claro que tal divisão não era obedecida rigidamente, mas à medida que as forças produtivas iam-se desenvolvendo, a divisão do trabalho tornava-se mais estável e regular. Por outro lado, a especialização do homem na caça e na pesca e a da mulher na coleta de alimentos vegetais e nos afazeres domésticos teve como consequência um certo aumento na produtividade do trabalho.

O desenvolvimento dos primitivos instrumentos de trabalho trouxe a necessidade de uma nova organização dos agrupamentos humanos e as hordas e bandos primitivos foram sendo substituídos pelos «gens», isto é, grupos de homens ligados por laços de sangue. Alguns «gens» constituíram-se em tribos, que são a forma superior de organização da sociedade primitiva.

Na primeira etapa do regime gentílico (dos «gens») as formas rudimentares da agricultura e da pecuária possuíam maior significação econômica que a caça e a pesca, cujos resultados eram mais ou menos ocasionais. E como eram as mulheres que se ocupavam geralmente da agricultura e da pecuária, também a principal posição dentro da sociedade era ocupada pela mulher. As relações de parentesco fixavam-se pela linha materna. A esse estágio no desenvolvimento da sociedade humana, chama-se matriarcado e todos os povos o conheceram em sua formação.

Posteriormente, quando passaram a ser empregados na agricultura instrumentos de trabalho mais aperfeiçoados (enxada de madeira, arado puxado por gado, pecuária com pastagens, etc.) o homem incorporou-se ao labor agrícola e o matriarcado cedeu lugar ao patriarcado. O homem tornou-se o chefe da comunidade gentílica.

A lei econômica fundamental do regime comunitário primitivo pode ser formulada mais ou menos nos seguintes termos: a produção dos meios essenciais à subsistência da comunidade primitiva, com o emprego de instrumentos rudimentares de produção, à base do trabalho coletivo.

Observação muito importante a ser feita em relação à sociedade primitiva é que, por não existirem ali nem a propriedade privada, nem as classes sociais, nem a exploração do homem pelo homem, também não existia o Estado. Isto não significa a ausência do princípio da autoridade. Pelo contrário, a autoridade na sociedade primitiva goza de um prestígio e um acatamento desconhecidos em qualquer outra sociedade de classes. Essa autoridade era exercida pelos anciãos e, em alguns lugares, pelas mulheres, mas não era a única atribuição de quem a exercia. Não havia pessoas cuja única função fosse dirigir a comunidade, dispondo para esse fim de um aparelho de coação, como o Estado.

A existência do Estado é histórica e não eterna e começa com o surgimento da propriedade privada, das classes sociais e da exploração do homem pelo homem.

## Os canos são secos

Num discurso fundamentado e num debate na televisão, quarta-feira última — ambos de ampla repercussão na opinião pública —, o deputado Jéthero Cardoso analisou em profundidade o problema do abastecimento de água e energia elétrica a S. Paulo e cidades do cinturão industrial. Na TV, o parlamentar submeteu a uma crítica demolidora a demagogia preletorial do governador Carvalho Pinto, inaugurando bicas nos bairros populares paulistanos. «Em que pode interessar ao povo a inauguração de canos secos? Sim, porque os canos estão secos, a água o governo entregou à Light!» A argumentação do deputado Jéthero Cardoso, feita em termos técnicos e solidamente apoiada, tornou-se irrespondível para os deputados janistas Farabullini Jr. e Aluísio Nunes Ferreira, que também participaram no debate e, desesperados, tentaram tumultuá-lo. Mas, em vão. E maior ainda foi o desespero daqueles dois parlamentares, quando o deputado Cardoso passou a exibir de público a face duplice de Jânio Quadros.

# Atualidades Soviéticas

MANUAL DE ECONOMIA POLÍTICA, 3ª edição. Importantes aperfeiçoamentos na análise do capitalismo, ciclos econômicos e capitalismo de Estado nos países subdesenvolvidos. Encadernado .....	R\$ 1.290,00
Brochura .....	870,00
HISTÓRIA DE LA FILOSOFIA, de M. A. Dynik, sob o patrocínio da Acad. de C. da URSS. Da antiguidade a começos do Século XIX. Encadernado .....	1.440,00
MANUAL DE LINGUA RUSSA, de Nina Potapova, 72 lições. Nova edição, corrigida e aumentada .....	320,00
EL DERECHO CONSTITUCIONAL SOVIETICO, por Denisov e Kirichenko. Um completo estudo da Constituição Soviética, organização social e estatal, etc. 400 páginas, encadernado ..	350,00
Pedidos à:	
Jurandir Guimarães	
Agência Intercâmbio Cultural	
Rua dos Estudantes, 84 — sala 28	
Fone 37-4983 — São Paulo	
Atendemos pelo Reembolso Postal. Solicite nosso catálogo de novidades.	

## Nota Econômica Demagogia e Entreguismo na Plataforma Janista

Em véspera de eleição, não há mercadoria mais abundante do que promessa na boca de candidato. Entretanto, apesar da relatividade dos programas eleitorais no Brasil (como, em geral, nos países onde impera a democracia capitalista) é interessante conhecer as opiniões expressas pelos candidatos. O sr. Jânio Quadros expôs na semana passada, no Recife, sua plataforma de governo, um corpo de idéias que, segundo afirma, não teriam sua administração, caso chegasse a ser eleito. Nunca é demais advertir que em particular no caso do candidato entreguista o valor de tal plataforma, mesmo levando-se em conta os defeitos e contradições de que está evadida, é sumamente relativo. E que, nessa mesma campanha, sobre os mesmos problemas, o sr. Jânio Quadros já expendeu mais de uma opinião. De passagem, mencionaremos aqui que as questões de política exterior, por exemplo, que mereceram tanta ênfase por parte do sr. Quadros no início da sua campanha, são agora simplesmente silenciadas. Nem OPA, nem Cuba, nem relações com os países socialistas, nem a atitude para com os afro-asiáticos — de nada disto fala agora o sr. Quadros... É certo que isto se deve a conveniências políticas, mas quem poderá afirmar que outro tanto não venha a acontecer amanhã com o que hoje é afirmado?

Os problemas econômicos merecem especial destaque no programa do sr. Jânio Quadros, abrangendo mais de dois terços da plataforma apresentada. A posição em que o candidato se coloca para abordá-los é a de quem deseja acender uma vela a Deus e outra ao diabo. Foge às vezes de um pronunciamento categórico, mas sempre que pode enxerta uma tirada demagógica. Promete dar aos operários, dar aos patrões, dar aos latifundiários, sem tirar de ninguém. Ou melhor: promete tudo isso, ao mesmo tempo em que preconiza medidas que implicam em prejudicar o Brasil.

Vejam os três dos pontos referidos no programa econômico do sr. Quadros. No capítulo legislação social (ponto 5, letra a), promete garantir «ao trabalhador crescente participação no incremento do produto interno bruto, a fim de que ele se beneficie integralmente dos frutos do desenvolvimento econômico». Em outro capítulo — política nacional de desenvolvimento econômico — preconiza, no ponto 2, letra a: «taxa de formação interna de capital capaz de proporcionar um ritmo satisfatório de desenvolvimento». No capítulo dedicado à política de comércio exterior, vemos, no ponto 5: «Eliminação do comércio cambial, visando: a — obter a unificação das taxas cambiais de exportação e importação; b — eliminar o saldo dos ágios sobre bonificação como fonte de receita do Governo, à custa do sacrifício dos exportadores e dos importadores de produtos essenciais.»

Qualquer desses pontos — exclusive, é claro, o rela-

tivo à unificação das taxas cambiais, inaceitável para os que preconizam uma política econômica nacionalista — poderia ser mencionado, isoladamente, num comício ou num «show» de televisão. Alinhados, porém, os três no corpo de um programa, não resistem à menor análise. Não que seja impossível conciliar o desenvolvimento do país com uma maior participação dos trabalhadores nos frutos desse desenvolvimento. Isto é possível desde que adotadas certas medidas, das quais uma das mais importantes, senão a mais importante, é um controle mais rigoroso (o que não quer dizer mais burocrático) sobre os problemas de câmbio. O que não se pode é falar em desenvolvimento satisfatório e menos ainda independente da economia nacional, ao mesmo tempo em que se preconiza a liberalização cambial. Bem perto temos o exemplo da Argentina, que adotou a mesma receita do Fundo Monetário Internacional que o sr. Quadros prescreve para o Brasil. Em 1959, segundo o último estudo da CEPAL, o produto interno bruto da Argentina diminuiu em 4,5 por cento, relativamente a 1958 e sua produção industrial contraiu-se em quase 10 por cento.

E não é só. Do ponto de vista dos interesses de classe da burguesia brasileira, a poupança — e, portanto, a formação da taxa interna de capital de que fala o sr. Quadros — só é possível desde que o aumento do consumo da classe operária não acompanhe o incremento do produto interno bruto...

A economia não se compõe de repartimentos estanques; o sr. Quadros nem ninguém poderá dar alguma coisa aos trabalhadores sem diminuir a parte da riqueza de que se apoderam os patrões. A não ser em promessas... Particularmente vaga é a posição do sr. Jânio Quadros em relação ao princípio do monopólio estatal, aplicável, segundo ele, quando «exigido pelo interesse público». Isto é demasiado vago e nem mesmo ao monopólio estatal dos minérios radioativos, de que falou no curso da campanha, faz agora o sr. Quadros a mais leve referência. Também no que diz respeito à Petrobras, apesar do proclamação respeito à lei que instituiu o monopólio estatal, o sr. Quadros não se excederia se fosse mais explícito no apoio à empresa — ele que é «um grande amigo» do dono da «Standard Oil»...

No campo da energia elétrica, adota uma posição ecletica, procurando conciliar a tese nacionalista da crescente participação estatal, com a do sr. John Cotrim, relativa a construção de unidades baratas para produzir energia cara, naturalmente mais acessíveis aos trustes.

No mais, a plataforma contém uma série de generalidades, mais ou menos cabíveis em qualquer programa, o que reforça a nossa opinião de que é muito relativo o seu valor.

J. A.



## Professores Brasileiros Visitam a China

Após participarem do III Congresso Mundial de Educadores, em Conacri, capital da Guiné, em fins de julho último, os professores Henrique Miranda, 1.º secretário da Federação Interestadual de Professores, que presidiu, no conclave, a Comissão de Resoluções Especiais, e Levi Boreborema, secretário do Sindicato do Rio, integraram a Delegação latino-americana de dirigentes sindicais do magistério que esteve, durante cerca de um mês, na República Popular da China. Compunham essa Delegação representantes de Cuba, México, Equador,

Uruguai e Brasil, convidados pelo Sindicato de Professores da China.

Foi cumprido intenso programa de estudos sobre diversos aspectos da vida na China atual, notadamente os referentes às questões do Ensino e da Educação. Os visitantes realizaram longa e proveitosa viagem por quatro províncias de Pequim a Xangai. Entrevistaram-se com o vice-ministro da Educação e, em audiência especial, que se prolongou por duas horas, foram recebidos pelo presidente da República, Liu Shao-chi, o qual, em impor-

ante discurso, publicado no «Diário do Povo», focalizou os fundamentos da política internacional da China.

Fêz uso da palavra, na ocasião, o professor Henrique Miranda, expressando a solidariedade dos delegados latino-americanos à grandiosa luta do povo chinês por uma nova Pátria.

Na foto, o Presidente Liu Shao-chi com os visitantes e diretores da Federação de Sindicatos da China, entre os quais Fan Ming, vice-presidente do Sindicato Nacional de Professores (o primeiro a direita).

# Candidatos

O XVII Congresso Metropolitano dos Estudantes, ademais de ter sido o mais produtivo e o mais concorrido concluído de quantos a UME tenha realizado, resultou na maior demonstração da unidade, do vigor e da seriedade do movimento estudantil, ocorrida ultimamente. Realizado em plena efervescência de uma campanha eleitoral tumultuada pelo terrorismo nazista de um piscipato na antevéspera do astracismo definitivo, terminou, também, por constituir-se numa autêntica pedrada no rosto do fanfarrão irresponsável que, guindado à condição de «showman» das funções de televisão, por força das subvenções arcaicas do erário público, pelos danos de colégios, assacara incrível quantidade de contumelias e sandices contra o movimento estudantil. Não satisfeito, desta vez, com as consustumeiras provocações do surradíssimo jargão penabolista, o sr. Lacerda investiu contra os presidentes de entidades universitárias (particularmente UNE e UME) apresentando-os, ao seu público de basbaques, como pelegos usufruidores de ricas propinas governamentais e como politiqueiros, afastados das salas de aulas e dos legítimos problemas da classe. A sua peçonha de calunizador contumaz foi ao ponto de retratar as senhoritas que frequentam a casa de trabalho que é a sede da UNE, como uma súa de despidoradas, pródigas em palavras.

A realidade que o Congresso ressaltou, e, de resto, já bem conhecida por todos, é, entretanto, bem outra. A fábria que dá ao sr. Lacerda a sua inextinguível capacidade de mentir, pode ser facilmente explicada pelos que leram as resoluções e a Carta de Princípios aprovadas pelo Congresso, e publicadas por este jornal em seu último número. Ali aparecem os estudantes, à frente os presidentes das entidades, lutando pela nossa libertação dos tristes que lhe financiam (a Lacerda) a candidatura e o apartamento «duplex»; ali estão os estudantes batalhando para impedir a ida do dinheiro público para as mãos dos comerciantes do ensino, que lhe pagam as arengas naturais pela televisão; ali estão os jovens reafirmando a sua solidariedade aos povos que enfrentam com decisão as companhias petrolíferas, as mesmas que enchem de anúncios as páginas da gazeta do Lavradio. Estas determinações, renovadas tantas vezes quantas os estudantes se reúnem, é que fazem Lacerda agravar o seu estado de insanidade mental. Daí as calúnias que, volta e meia, despeja contra os líderes estudantis. Mas, desta vez teve resposta imediata. Foi desencadear a sua onda de impropriedades e o Congresso votou, por unanimidade, uma moção de repúdio à sua repelente pessoa. Logo em seguida, confirmando a sua resposta ao farsante, o Congresso, no qual estavam representados juelistas, udenistas, socialistas, trabalhistas e comunistas (no movimento estudantil só não há mesmo lugar para a agitação lanterneiro-golpista), em espetáculo inédito de unidade e de confiança nos líderes da classe, indica, para compor a nova diretoria da UME, uma chapa única, encabeçada, para uma reeleição consagradora, pelo atual presidente, Alfeu Meireles.

A diretoria da UME convidou os quatro candidatos à governança da Guanabara (Sérgio, Mendes, Tenório e Lacerda) a debaterem com os congressistas pontos de seus respectivos programas de governo, bem como outras questões afinentes a problemas do Estado. Apenas Sérgio Magalhães, o candidato nacionalista, prestigiou o Congresso. É sintomático que tal tenha ocorrido. Com efeito, Sérgio é o único capaz de assinar as resoluções e a Carta de Princípios do Congresso.

# Escola Pública: Lott Exalta e Jânio Persegue

Do «Plano Nacional de Educação» — que é como o marechal Teixeira Lott denominou a meta-ensino do seu Programa de Governo — destacamos os seguintes trechos, sobre política educacional e escola pública, bem indicativos do ascenso de que gozará o processo de alfabetização do povo brasileiro, no governo do candidato nacionalista:

«Política educacional nacionalista — escreve o marechal — é aquela que não admite privilégios e discriminações antidemocráticas em matéria de oportunidades educacionais. Que, e, em vez de assegurar as condições necessárias ao cumprimento efetivo do mandato constitucional que impõe ao nosso Estado a obrigação, tão longe ainda de ser cumprida, de manter um sistema público de ensino de todos os graus, gratuito no primário e gratuito nos outros níveis para os carentes de recursos. É aquela que preconiza como objetivo central da escola, o estudo do Brasil, de sua língua, de sua história, de sua cultura, dos seus problemas e das soluções que lhes estamos dando ou que cumpre dar, à luz dos conhecimentos científicos. E aquela que forma na juventude um profundo espírito público, um sentimento de justo orgulho pelos triunfos de nosso povo na luta para construir uma civilização democrática e progressista e, em consequência, é capaz de fundir nessa juventude a repulsa mais vigorosa aos aproveitadores, aos demagogos, aos corruptos, aos mistificadores, como expressões que são, afinal, da alienação de quantos, por qualquer forma de espoliação, de malversação de recursos públicos, de privatismo, de colonialismo externo ou interno, procuram apropriar-se do que é de todos em benefício exclusivo de alguns ou de si próprios.

«A escola pública constitui, incontestavelmente, o maior empreendimento social do Estado Moderno. A unidade da França e da Alemanha a ela, em grande parte, se devem, e a integra-

ção social e o progresso científico do mundo de nossos dias, dos Estados Unidos à União Soviética são, também, fruto de sistemas nacionais de educação pública, criados e desenvolvidos com o apoio mais entusiástico da opinião pública.

«Em todas as nações modernas plenamente desenvolvidas, o ajustamento das massas rurais à vida nas cidades e ao trabalho na indústria foi obra da escola pública. Em nosso País, o mérito da integração nacional e da democratização também a ela se deve, em máxima parte, creditar-se.

«Uma nação como a nossa, formada por contingentes étnico e culturalmente tão díspares, marcada por tão profundas distâncias sociais e de riquezas, precisa, mais do que qualquer outra, de uma ampla escola pública, de uma escola livre para todos, organizada sem qualquer espírito de discriminação, com a intenção de acolher e caldear as diferenças de raças, de culturas e de crenças, no amálgama comum em que se está fundindo a sociedade brasileira, una e diversificada, que constitui o nosso justo orgulho.

«É dever de todo brasileiro e de todo democrata pugnar pela ampliação e pelo prestígio de nossa incipiente escola pública, como o fator mais positivo de democratização, nacionalização e integração com que contamos. E de antem a tentativa de desnacionalização levada a efeito no sul do país por escolas cuja lealdade estavam voltadas para os países de origem de seus mantenedores e que exigiram do poder público redobrado vigor contra a tentativa de deformação e de enfraquecimento do caráter nacional que elas representaram.

«O objetivo básico do «Plano Nacional de Educação» será a expansão e o aprimoramento da rede pública de ensino de modo a levá-la prontamente a alcançar condições que permitam dar inteiro e cabal cumprimento do que dispõe nossa Carta Constitucional em matéria de educação».

### O outro

Enquanto isso, o sr. Jânio Quadros, «um fiel à livre empresa», como ele próprio se declarou aos tubarões do CONCLAP e no recente almoço que lhe ofereceu a revista «O Cruzeiro», tratou assim, quando governador de São Paulo, a escola pública:

«Na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, a situação assim se apresentava: não havia papel de filtro para as experiências de química, pois este era comprado pelos professores, segundo informações que ouvimos em muitas reuniões da Congregação. Os ácidos eram fornecidos por algumas firmas industriais amigas. O papel carbono e o «stencil» compravam-nos os professores; os blocos de notas eram feitos de aparas de papel de provas tipográficas. Pergunte-se, na Faculdade de Filosofia, a professores e alunos e todos responderão que não há verbas para livros nem para revistas especializadas. Não há verbas para assistentes, para auxiliares de ensino, embora o número de alunos tenha passado de 986 em 1952 a 2.261 em 1957. Este é um dos aspectos do estado calamitoso em que se encontra a nossa Faculdade». (De depoimento publicado no nº 20 da «Revista Brasileira», pelo professor Cruz Costa, catedrático da Faculdade).

«As dotações orçamentárias para a Universidade baixaram de 3,5% em 1953 para 1,5% em 1957, em relação ao orçamento total, embora o nº de alunos tenha aumentado. No entanto, o sr. Jânio Quadros ardeava um superavit orçamentário em 1958, ou seja, sobras de dinheiro público, no Estado de São Paulo». (Do opúsculo de Alcindo da Cunha Xavier, «Administração Jânio Quadros»).



Lott, defensor da escola pública

Entre as metas do marechal Lott, a da educação ocupa um dos lugares mais destacados. Partidário incondicional da escola pública e gratuita, o candidato nacionalista é uma segurança para a alfabetização dos menos privilegiados economicamente.

# Greve da Bahia Terminou: Vitória Dos Universitários

Completa vitória conseguiram os estudantes baianos, na sua longa (mais de cem dias) greve, a maior até hoje registrada nos anais das lutas universitárias brasileiras. O movimento cessou quando, no final da semana passada, a Reitoria da Universidade da Bahia concordou em atender às condições que os universitários reclamavam para a sua volta às aulas. Conquistaram os estudantes: a) criação de uma comissão de seis (6) membros, sendo cinco professores (três escolhidos pela Reitoria e dois pelos alunos) e o presidente do Diretório Central dos Estudantes, para apreciar as denúncias

formuladas pelos jovens em greve, de irregularidades praticadas (muitas) e consentidas (outras) pelo reitor Edgar Santos; b) exames finais completos para todos os universitários, na primeira quinzena de dezembro; c) prorrogação do período de aulas até trinta de novembro; d) cancelamento da nota zero dada nas primeiras provas parciais (junho), não realizadas; e) abono das faltas anotadas durante a greve.

### Origem

A greve havia sido deflagrada em virtude da suspensão imposta à liderança universitária baiana — presidentes da UEB, do DCE e de todos os DD AA da Universidade — quando esta se encontrava empenhada em promover o atendimento de reivindicações da classe. Na oportunidade, os moços elaboraram extenso «dossier», contendo a grave realidade a que os desmandos administrativos do sr. Edgar Santos conduziram a sua Universidade. O documento (cujos principais trechos foram transcritos por este jornal) teve larga repercussão. Acarretou, inclusive, a formação, na Câmara dos Deputados, de uma Comissão Parlamentar de Inquérito, com poderes competentes para ampliar suas investigações às outras universidades do País. Levada ao XXIII Congresso Nacional dos Estudantes, realizado em julho, em Belo Horizonte, serviu de estopim do movimento pela reforma universitária que a macidade das escolas está encetando.

### Acampamento e mediação

A intransigência do reitor se constituiu no mais sério motivo da longa duração da crise. O sr. Edgar Santos, após os estudantes terem trazido a público a sua incapacidade e as suas mazelas, negou-se a manter com os jovens qualquer entendimento que pudesse resultar em distensão da situação provocada pela sua decisão arbitrária — a suspensão injustificada dos líderes estudantis. Uma greve nacional desolidariedade aos universitários baianos foi decretada — e efetivada com

êxito — pela União Nacional dos Estudantes. O reitor fingiu ignorá-la. A UNE realizou um Conselho Extraordinário, em Brasília, onde procurou, das autoridades federais, a liquidação do impasse. A tibiexa do ministro de Educação, sr. Pedro Paulo Penido, permitiu, ao reitor baiano, a sua permanência na irredutibilidade. A esse tempo a parede resistia, há mais de oitenta dias. Os estudantes resolveram, então, promover um acampamento nos jardins do edifício da Reitoria: dali somente sairiam com o atendimento das condições que exigiam para a volta aos bancos escolares. A firmeza e a unidade dos moços, crescia a cada dia. O que fez ver, aos que vaticinavam um recuo da parte dos jovens, que era vã a sua esperança. Surgiram, daí, os mediadores. O primeiro foi o jornalista Jorge Calmon, diretor do tradicional órgão da imprensa baiana, A TARDE. Não logrou qualquer resultado positivo, a não ser o de demonstrar, em definitivo, em quem se encontrava a intolerância. A segunda mediação foi tentada pelo sr. Josephat Marinho, secretário de governo do sr. Juracy Magalhães. A greve vinha causando certo desgosto ao governador, face às suas conhecidas ligações políticas com o sr. Edgar Santos. Seu emissário, entretanto, não conseguiu sucesso. A solução foi encontrada com a interferência de uma comissão mediadora, formada pelos catedráticos Auto de Castro, Evandro Baltazar da Silveira e Nelson Pires. Sucessivas gestões dos três mestres, e, mais que isso, a firme coesão dos jovens na defesa dos seus direitos, forçaram o reitor a aceitar as condições propostas pelo estudantado.

### A Comissão

A Comissão encarregada de apurar as denúncias apresentadas pelos universitários, está assim constituída: professores Benjamim Sales (Medicina), Torres Homem (Odontologia), Alceu Hillner (Engenharia), Aristides Gomes (Filosofia), Válder Gordilho (Arquitetura), e o universitário Laerte Pedreira (Presidente do Diretório Central dos Estudantes).

# UBES Na Defesa do Ensino Oficial

A União Brasileira dos Estudantes Secundários (UBES), acaba de lançar a Campanha Nacional de Defesa da Escola Pública (CANADEP). Através de seminários, simpósios, conferências e reuniões de outros tipos, os estudantes de grau médio de todo o País, liderados pela sua entidade máxima de representação, promoverão um amplo trabalho de divulgação da necessidade de incrementar nossa rede pública de ensino, ao mesmo tempo em que esclarecerão o caráter ruinoso, para a escola pública, do atual projeto de Diretrizes e Bases, na forma em que está redigido. Para dirigir a campanha nacionalmente, a UBES designou uma comissão presidida pelo estudante mineiro Nassim Gabriel. O órgão em reuniões diárias na sede da mentora (Praia do Flamengo, 132), vem realizando estudos sobre o substitui-

vo de Diretrizes e Bases ora no Senado, levando em conta os que, sobre o mesmo assunto, já foram empreendidos pela União Nacional dos Estudantes e pelas UEEES de São Paulo e Minas Gerais. A campanha terá como escopo o envio ao Senado de um substitutivo ao projeto, que leve em consideração, fundamentalmente, os seguintes pontos: 1) Que seja cumprido o preceito constitucional que ordena o gasto obrigatório, com o ensino, de 10% da receita orçamentária da União e de 20% da receita orçamentária de cada Estado; 2) o não subvencionamento, sob qualquer hipótese, a empresas particulares de ensino; 3) a não participação, em nenhum caráter, de proprietários de colégios, no exercício dessa condição, nos órgãos de administração do ensino; 4) que seja garantida a prerrogativa constitucional dos Estados elaborarem, eles próprios, seus respectivos sistemas de ensino.

### Contactos com técnicos

Visando a um maior rendimento do trabalho da comissão, a diretoria da UBES vem propiciando uma série de contatos dos seus membros com renomados técnicos em educação. Assim é que, com os jovens, já estiveram debatendo o professor Darcy Ribeiro, diretor do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (tema: A Educação nos países sub-desenvolvidos), e a professora Maria Telhis, diretora do departamento educacional do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (tema: Da necessidade brasileira de escolas públicas). Tais contatos, sempre realizados na sede da entidade, são franqueados aos interessados.

### Dia Nacional

Os secundaristas resolveram transformar o dia 31 de outubro em dia Nacional em Defesa da Escola Pública, estando programados, nesse sentido, vários atos em todo o território nacional.



A União Brasileira dos Estudantes Secundários vem de lançar uma campanha em todo o território nacional em defesa da escola pública gratuita, visando com isso incentivar a luta em que estão empenhados todos os setores de nossa sociedade, recobrados com as preceções dos que procuram por todos os meios lutar o ensino gratuito, entregando os milhares públicos aos mercadores do ensino.

*História da URSS*  
EPOCA DO SOCIALISMO  
1917-1957  
CIÊNCIAS ECONÔMICAS E SOCIAIS  
EDITORIAL GALILEO

Como se forja um povo e um regime que põe sua marca indelével na vida de nosso tempo e na marcha da humanidade para o futuro.

1 volume, 830 páginas, em primorosa brochura.

R\$ 650,00

Pedidos a

Jurandir Guimarães

Agência Intercâmbio Cultural  
Rua dos Estudantes, 84 — sala 28  
Telefone: 37-4983 — São Paulo

Atendemos pelo Reembolso Postal. Solicite nosso catálogo de ATUALIDADES SOVIÉTICAS

## PASSADO E FUTURO DA ECONOMIA CUBANA

# Crescimento de 10% e Fim do Desemprego

Concluimos hoje a publicação dos trechos fundamentais da conferência feita por Carlos Rafael Rodrigues, dirigente nacional do Partido Socialista Popular (comunista) na Universidade Popular de Cuba. Nas duas partes já publicadas o conhecido professor de Economia Política analisou a estrutura da agricultura e da indústria que existia no país até a Revolução e os problemas sérios e urgentes que o Governo Revolucionário tinha que resolver, indicando alguns caminhos que poderiam ser tomados. Hoje, NR apresenta um resumo da parte final da conferência.

Para construir a indústria que nós necessitamos será preciso uma enorme quantidade de inversões nos próximos anos. O comandante Guevara dizia ontem que era intenção do Governo Revolucionário dobrar a renda nacional dentro de 10 anos, isto é, aumentar esta renda em 100%. Isto supõe um ritmo de crescimento anual de 10%, porque como dizia muito bem Guevara, para que se cumpra esta proporção é necessário um crescimento anual de 7%. Mas, como a população cubana também vai aumentando, e como, além disso, segundo aconselhou Fidel, deveremos ter mais rapazes cubanos para aumentar a mão-de-obra e os consumidores, e nosso país precisa sustentá-los, teremos que 2% ou 2,5% do aumento da população somados aos 7% per capita da renda nos dariam um crescimento anual necessário de 9% a 10%.

Isto significa que teríamos de aumentar a produção bruta em 250 milhões de pesos por ano. E para isto precisaremos de capital. Supondo-se uma relação modesta, que na realidade não é a de nosso país, de 2 de inversão em maquinaria para obter 1 em produto (isto é, cada dois milhões de pesos que invertermos nos proporcionará uma produção de um milhão de pesos), necessitaríamos de 500 milhões de pesos líquidos por ano para inversões novas. Isto, repito, é o mínimo de que necessitamos. Além disso, precisaríamos de mais de 200 milhões para manter o aparelho industrial que possuímos agora, para substituir maquinaria velha por nova.

## As necessidades de inversão

Isto representa quase 700 milhões de pesos em inversões por ano. Se agora, nos limitarmos a considerar os elementos indicados pelo comandante Guevara, isto é, se considerarmos apenas as inversões necessárias para resolver o problema dos 300 mil desempregados (e os subempregados também necessitariam de mais máquinas para poder trabalhar todo o tempo), e levando em conta os nossos cálculos, que são os mais modestos possíveis, as inversões necessárias para comprar máquinas para dar trabalho aos desempregados chegarão a 3 mil pesos para cada homem ou mulher trabalhando.

Na indústria siderúrgica, entretanto, a quantia necessária vai muito além de três mil pesos. Na mineração acontece a mesma coisa. A Moa Bay investiu 75 milhões para empregar menos de dois mil operários, de modo que a relação é de mais de 37 mil pesos para cada operário trabalhando. Diante disto, seria necessário pensar numa quantidade superior, em quatro ou cinco mil pesos. Mas considerando-se a proporção de três mil pesos por operário, seriam necessários 900 milhões de pesos para dar emprego aos 300 mil desempregados.

## Poupança nacional

Num país, toda a produção anual é chamada produto social global ou então produto nacional bruto e se divide em duas partes. Uma, destinada a repor o que se gastou, isto é, as inversões para reparar o desgaste da maquinaria e da matéria-prima, o emprego de combustíveis, etc. A outra representa o que foi acrescentado, o novo produto criado, que procede exclusivamente, segundo a teoria que sustentamos, dos esforços da classe operária.

Esta divisão é muito importante porque o produto novo criado tem que ser distribuído agora entre o que é destinado aos ociosos que vivem de rendas (os patrões e empresários, os que recebem juros por empréstimos de capital) e o que é destinado, em última instância, aos trabalhadores do campo e da cidade, inclusive os empregados, os se-

tores profissionais que vivem de seu trabalho direto.

E este grande produto social pode ser dividido também de outra maneira: a parte que é consumida e a que não o é. A parte não consumida constitui a chamada poupança nacional bruta. Isto é, o conjunto da economia produzida que não passa diretamente ao consumo. A poupança bruta é o que permite a inversão.

A poupança nacional bruta pode ser conseguida de duas maneiras diferentes: contraindo o consumo da classe operária e do povo, que é a maneira favorita do capitalismo, que se resume em extrair o máximo dos operários, empregados e funcionários, ao mesmo tempo que se lhes paga o mínimo possível. Esta é a chamada «poupança» dos capitalistas que nada tem de poupança, mas tem tudo de exploração. Por outro lado, a poupança pode ser igualmente conseguida diminuindo o consumo das classes ociosas ao mesmo tempo que se aumenta a produção nacional em ritmo sempre crescente.

É evidente que nesta etapa do desenvolvimento mundial, em economias como a nossa, a classe operária não pode contribuir para a poupança a não ser com sacrifício de sua parte.

## Capital desperdiçado

Qual foi a poupança nacional bruta de Cuba nos últimos anos, de 1948 a 1957? Em 1948 foi de 268 milhões de pesos, isto é, 15% de toda a produção. Em 1950 foi de 262 milhões, em 1952 de 300, em 1953 de 240 — uma enorme queda provocada pela baixa do açúcar, e aí vemos como dependemos de um só produto de exportação — e em 1957 chegou a 469 milhões. Ao mesmo tempo, para essa poupança, isto é, para esse lucro dos capitalistas, só foram investidos 151 milhões de pesos em 1948, 235 em 1950 e 187 em 1952. Isto quer dizer que vinhamos invertendo não só muito menos do que necessitamos agora para cumprir nossos programas, como até mesmo menos do que é necessário para manter uma economia como a que temos atualmente.

Por outro lado, se examinarmos como eram feitas estas inversões, verificaremos que estas centenas de milhões de pesos não eram investidas em instrumentos de produção, mas em atividades desnecessárias. Em particular, observa-se uma média de 77 milhões de pesos em habitações, e não em habitações para o povo, mas em apartamentos de luxo e nos palácios da oligarquia de Batista. Enquanto isto, a importação de bens de capital (excetuando os materiais de construção para a edificação de casas para os milionários) foi de 42 milhões de pesos em 1946, de 104 em 1947, de 118 em 1948, de 97 em 1949, de 144 em 1951, de 141 em 1952 e de 96 em 1953. Por outro lado, se considerarmos as despesas com a reparação dos equipamentos, verificaremos que o nível mais alto, em 1951, se reduziu a 49 milhões de pesos.

Dêsse modo, vemos que a inversão bruta em bens de capital mais elevada que houve em nosso país não chegou a 200 milhões de pesos. Isto quer dizer que teremos que investir em Cuba nos próximos anos 7 ou 8 vezes mais do que se fazia nos anos em que mais se investiu em nosso país.

## A opção inevitável

Isto nos coloca grandes e sérios problemas. Queremos, a Revolução quer, casas para os operários, camponeses, trabalhadores e funcionários das camadas médias; precisamos de hospitais e escolas para nosso povo. Ninguém pode pensar que os camponeses e operários podem consumir menos do que consumiam em 1957 ou 1958. Vai ser necessário, portanto, produzir muito mais. E a parte da produção que for poupada, é preciso distribuí-la de forma que satisfaça ao mesmo tempo as necessidades de habitação e as de industrialização. Se fôsse necessário fazer uma escolha dramática, estou convencido de que os camponeses e a classe operária de nosso país, que vivem em condições miseráveis, estarão dispostos a prolongar por alguns anos a situação má em que vivem, contanto que tenhamos, frente à investida do imperialismo estrangeiro, a poupança necessária para construir a indús-

tria siderúrgica, a indústria química e a de metais. Porque é isto que nos garantirá o fato de que dentro de poucos anos, teremos não somente uma indústria forte de que necessitamos, mas os hospitais, as escolas e as casas para os operários e camponeses.

Por isso, as tarefas colocadas para nosso povo, para os setores populares produtores, pela Revolução, foram com justiça definidas pelo companheiro Guevara em três linhas: produzir, poupar e organizar, além de manter acesa a vigilância. Em outras palavras, deveremos assegurar o cumprimento de um plano que terá como pontos fundamentais os seguintes: 1) aumentar decididamente a produção; 2) conter o consumo nos níveis atuais para evitar a inflação; 3) eliminar completamente o consumo supérfluo, isto é, acabar completamente com a orgia de Cadillacs dos milionários pois a Pátria não será construída com Cadillacs para alguns, e sim com fábricas para todos; 4) investir os capitais atualmente inaproveitados e defender rigidamente as divisas conseguidas pelo país para serem utilizadas a bem da produção.

# Os Comunistas Lutam e Organizam o Povo

JOSÉ ARMANDO DE CASTRO

Em um dos importantes municípios do chamado «cinturão proletário» que cerca a capital do Estado de São Paulo, o prestígio dos comunistas é cada vez maior entre os operários e o povo em geral. Dezenas de milhares de trabalhadores estão organizados nos sindicatos, associações populares, recreativas e esportivas. A sua frente se encontram líderes pertencentes a diversos partidos e também sem partido.

As grandes empresas imperialistas, especialmente norte-americanas, ali situadas têm envidado ingentes esforços para influir no movimento operário, visando impedir sua unidade. Graças, entretanto, à ação dos comunistas e de outros líderes populares sem partido, a ação dos inimigos dos trabalhadores não tem produzido o efeito que eles desejariam. Partindo das mais sentidas reivindicações dos trabalhadores e conduzindo suas lutas sob todas as formas, desde o entendimento com os patrões até as disputas na Justiça e as greves, esses dirigentes operários vêm obtendo importantes êxitos para as massas, tanto nas empresas, como nos setores profissionais e em campanhas abrangendo numerosos setores. Mas, também se têm verificado algumas derrotas, sempre que o justo método de direção, apoiado no respeito ao princípio de unidade pela cúpula e pela base, deixa de ser respeitado.

A unidade para a direção das organizações operárias e populares é muito importante, uma vez que cria as condições mais favoráveis às lutas reivindicatórias. Quando as correntes populares se unem, os inimigos dos trabalhadores e do povo ficam isolados e são derrotados. Quando isso não acontece, seja por responsabilidade dos comunistas ou de qualquer outra corrente, os inimigos dos trabalhadores e do povo têm as melhores condições para introduzir cunhas no movimento operário ou popular, prejudicando com isso as condições necessárias para a luta reivindicatória.

Os trabalhadores e o povo compreendem a necessidade da unidade. Quando determinadas correntes procuram dividir o movimento, são derrotadas. Quando os comunistas se deixam dominar pelo sectarismo e pela presunção, quando superestimam suas próprias forças e subestimam a força das outras correntes, não têm melhor sorte.

Eleições realizadas há muito tempo em dois importantes sindicatos desse município constituem experiências interessantes, ilustrando bem os dois aspectos da questão.

Num desses sindicatos, em que os comunistas ocupavam alguns postos de direção, uma outra corrente organizou chapa para a renovação da diretoria por conta orga-



Todo mundo contribui

Para acabar com o desemprego, industrializar o país e promover a elevação do nível de vida dos trabalhadores da cidade e do campo, além de defender Cuba contra as agressões norte-americanas, o Governo Revolucionário precisa de mult. capital. Mas o povo cubano não poupa esforços para vencer sua batalha. Na foto o chefe o estado-maior do Exército Revolucionário, Juan Almeida, participa numa campanha financeira.

pria. Os comunistas, por sua vez, organizaram outra chapa.

Os comunistas não souberam realizar um esforço suficientemente grande pela unidade, colocando o problema diretamente para a massa fazendo as necessárias concessões e lutando com vigor pela unificação das chapas. Travaram uma luta desigual, foram derrotados, e a massa saiu desta luta dividida e prejudicada.

O mesmo não se deu no importante sindicato dos metalúrgicos, nesse mesmo município. Desde o início, os comunistas propuseram a unidade, na base de uma consulta direta aos trabalhadores, realizada em assembléias e nas fábricas, bem como de um programa de reivindicações dos operários. Diversas correntes que atuam no movimento operário aceitaram a plataforma e dispuseram-se a participar de uma chapa de frente única. Já outra corrente, liderada por certo prelado católico, negou-se a participar da chapa comum e, batendo na tecla divisionista do anticomunismo, tratou de disputar as eleições por conta própria. Contando com fabulosos recursos, lançaram estes elementos mão de todos os meios para derrotar a chapa unitária. As empresas imperialistas forneceram-lhes meios e deram ordens aos seus capatazes para apoiarem essa chapa. Programas de rádio foram organizados, meias-verdades e calúnias foram difundidas visando a incompatibilizar os dirigentes operários com os trabalhadores. Tudo em vão. O resultado foi uma espetacular derrota dos inimigos da unidade, numa proporção de 5 para 1. Tal fato elevou ainda mais o prestígio dos comunistas como defensores da unidade e organizadores do povo.

Nesse município, os comunistas estão igualmente à frente da campanha pró-Lott e Jango e esforçam-se por organizar o maior número possível de comitês a favor destas candidaturas com forças aliadas. Apesar dos obstáculos opostos por certos elementos aliados, que desejam antes de tudo deter em suas mãos o controle da campanha, embora com prejuízo para esta, os comunistas têm obtido importantes êxitos. Para isso têm eles contado com a justa compreensão dos setores nacionalistas dos diversos partidos e de um bom número de indústrias que sofrem a ação nefasta do imperialismo norte-americano. No mês de junho, estas forças unidas em frente única realizaram um dos maiores comícios populares dos últimos anos, precedido de uma concorrida passeata, à frente da qual desfilou o general Lott. E tanto o candidato nacionalista, quanto representantes de todas as correntes e partidos — P.S.D., P.T.B., P.S.B. e P.C.B. — falaram ao povo, sendo vivamente

aplaudidos. O povo presente, constituído em grande parte de trabalhadores das grandes fábricas, compreendeu e saudou com entusiasmo o caráter unitário dessa demonstração. Comentou-se depois com muita simpatia, nas fábricas e nos bairros, que a justa posição assumida pelos comunistas favorecia a sua atuação pública e legal junto às massas.

Aliados com outras forças políticas locais, os comunistas também mobilizaram as massas para a defesa de um programa de melhoria de transportes, escolas, centros de recreação nos bairros, construção de praças de esporte varzeano, etc. Estas reivindicações são apresentadas à Câmara Municipal, onde os comunistas têm representante, e também diretamente junto à Prefeitura, com apoio das organizações de massas.

Estas e outras tarefas ligadas aos interesses do povo foram amplamente debatidas no curso da preparação do V Congresso do nosso Partido, tanto nas assembléias de base como na Conferência Municipal. Uma das questões que mais preocupou os comunistas nesse período foi a de procura de uma maneira de superar a contradição entre seu crescente prestígio entre as massas e o número ainda relativamente pequeno de membros do Partido e de organizações, particularmente nas fábricas. Depois de um debate imbuído de crítica e autocrítica, resolveram concentrar seus esforços em determinadas fábricas segundo sua concentração operária, durante o prazo de um mês, distribuindo-se individualmente as responsabilidades. Numerosas reuniões preliminares foram marcadas e realizadas, a fim de preparar as assembléias. As teses foram lidas total ou parcialmente. Tomaram-se decisões sobre as lutas salariais e a campanha eleitoral. Ao mesmo tempo, tratava-se de recrutamento para o Partido, de difusão da imprensa e da literatura comunista, de cobrança das mensalidades dos membros do Partido e da organização de círculos de amigos. Nas assembléias, afinal, foram eleitas democraticamente as direções das organizações de base e os delegados à Conferência Municipal. A maioria das resoluções tratava dos interesses do povo, de sua organização e de suas lutas. Os camaradas de maior prestígio entre os trabalhadores e o povo foram designados para ajudar as organizações das empresas mais importantes e todo o trabalho foi controlado coletivamente e com frequência.

Os comunistas chegaram a sua conferência no prazo estabelecido, com posições reforçadas no movimento sindical e com centenas de operários recém-sindicalizados. A

campanha eleitoral se fortaleceu, numerosos pequenos comícios foram realizados e vários comitês abertos, atendendo a decisões de assembléias do V Congresso. As fileiras dos comunistas foram triplicadas e as organizações de base mais que triplicadas.

A própria conferência teve aspectos interessantes que bem demonstram a íntima ligação dos comunistas com a massa. No dia seguinte ao de sua instalação, seis delegados foram autorizados a retirar-se, a fim de participar de uma importante assembléia sindical, em que algumas poderosas empresas imperialistas estavam muito interessadas. Ao retornarem, comunicaram ao plenário: a massa decidiu dar oito dias de prazo aos patrões para o atendimento de algumas de suas mais sentidas reivindicações, sob pena de irrem à greve; ao mesmo tempo, haviam decidido enviar um telegrama ao presidente da República, manifestando-se contra a venda de açúcar brasileiro aos norte-americanos, em solidariedade ao povo cubano. Essa comunicação foi recebida com prolongada salva de palmas, pondo-se de pé todos os delegados.

Após os debates democráticos, de que participaram operários, intelectuais e elementos das camadas médias, sobre a experiência da aplicação da nova linha política e sobre sua essência, sobre os problemas nacionais e internacionais, sobre os novos estatutos, etc. resolveu a Conferência aprovar, com uma única abstenção, os documentos apresentados pelo CC. Foram aprovadas também resoluções sobre a necessidade premente de se fortalecer a unidade e a organização sindical, popular, estudantil e feminina; sobre a necessidade de se concentrar todos os esforços na campanha eleitoral para dar vitória a Lott e Jango; sobre a necessidade de se impulsionar a luta pelo novo salário mínimo, pelo direito de greve, em solidariedade ao povo cubano, etc. Destacou-se com vigor, também, a necessidade de se consolidar as novas organizações de base e de se realizarem maiores esforços para fazer com que as fileiras dos comunistas continuem aumentando. A necessidade de conquistar a completa legalidade do PCB foi também posta em evidência, mostrando-se que a atuação pública dos comunistas junto às massas, tanto na campanha eleitoral como em todas as outras oportunidades, constituía uma parte desse esforço necessário.

E foi nesse ambiente democrático e entusiasmado que os comunistas desse município elegeram sua direção local e seus delegados à Conferência do Estado de São Paulo.

Assim lutam os comunistas. Assim organizam o povo.

# Que Fazer Para Eleger os Nacionalistas

**1- PARA VOTAR** nas eleições de 3 de outubro, no Estado da Guanabara, você entrará na cabine indispensável a penas uma vez, mas fará uso de três cédulas, todas elas autenticadas previamente pelo presidente da mesa. As três cédulas são: uma, para presidente e vice-presidente da República; outra, para governador do Estado da Guanabara; e uma terceira para a Assembléia Constituinte.

**2- A INDICAÇÃO** de seus candidatos, marechal Teixeira Lott, João Goulart e Sérgio Magalhães, nas duas primeiras cédulas, será feita apenas com o sinal de uma cruz no retângulo que precede o nome de cada candidato. Na cédula-única para presidente e vice-presidente da República, o marechal Lott é o terceiro inscrito e Jango, o segundo. Na cédula-única para governador da Guanabara, Sérgio Magalhães também é o terceiro inscrito.

**PARA PRESIDENTE DA REPÚBLICA**

— Janio Quadros

— Adhemar de Barros

— Marechal Henrique Baptista Duffles Teixeira Lott

**PARA VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA**

— Fernando Ferrari

— João Goulart (Jango)

— Milton Campos

**PARA GOVERNADOR**

CARLOS LACERDA

TENÓRIO CAVALCANTI

SERGIO MAGALHÃES

MENDES DE MORAES

**7- FINALMENTE**, se você é eleitor em trânsito não poderá mesmo votar em nenhum dos casos. Mas, nem por isso deverá deixar de comparecer ao juízo eleitoral, a fim de comprovar a sua presença e não ficar incurso nas penalidades previstas para os faltosos.

**8- PARA** que não haja nenhuma possibilidade de erro em seu voto, publicamos as cédulas que o eleitor deverá utilizar no dia 3, colocando dois exemplos da correspondente à Assembléia Constituinte, com os números de Hércules e Taylor, para você escolher um deles.

**3- JÁ PARA** a Assembléia Constituinte você não votará da mesma forma. Nesta terceira cédula, deverá escrever, apenas, o número de seu candidato (277, Hércules Correia dos Reis, ou 269, Carlos Taylor da Cunha Melo) no retângulo ao lado da legenda «Partido Trabalhista Brasileiro» (PTB)

**4- SE VOCE** (eleitor de Lott, Jango e Sérgio, de Hércules Correia dos Reis ou Carlos Taylor da Cunha Melo) não seguir essas instruções, seu voto será anulado. A cruz indicando seu candidato deve ser feita dentro mesmo de cada retângulo mencionado, e não ultrapassando os seus limites, ou, muito menos, fora dele. Igual cuidado você deverá ter ao escrever o número de Hércules dos Reis (277) ou de Carlos Taylor (269) no retângulo ao lado da legenda «Partido Trabalhista Brasileiro». Pois no caso de você escrever um desses números ao lado de outra legenda o seu voto para o candidato será anulado e computado, ao mesmo tempo, para essa outra legenda.

**5- VOCE**, evidentemente, deverá votar na sua seção. Fora da seção onde se encontram alistados, somente podem votar o presidente e o Vice-Presidente da República; o Governador e os senadores, deputados federais e estaduais, os candidatos, o juiz eleitoral na zona de sua jurisdição e os suplentes de mesários que estiverem servindo na Mesa. Também poderá votar — e neste caso será em qualquer seção — o militar removido ou transferido para a Guanabara no período de seis meses antes de 3 de outubro, mas seu voto poderá ser dado apenas para presidente e vice-presidente da República.

**6- POR OUTRO LADO**, se você na hora não estiver de posse do seu título eleitoral, por tê-lo esquecido ou extraviado, nem por isso será impedido de sufragar os candidatos de sua preferência, pois na sua seção, na respectiva fôlha de votação, figura seu nome e lá se encontra também a sua fotografia. Tenha bem presente que você só pode votar entre às 8 e às 17 horas, quando será feita a última distribuição de senhas aos que se encontrarem na fila.

**PARA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA**

PSD - PARTIDO SOCIAL DEMOCRÁTICO

UDN - UNIÃO DEMOCRÁTICA NACIONAL

PR - PARTIDO REPUBLICANO

PRP - PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR

277 PTB - PARTIDO TRABALHISTA BRASILEIRO

PDC - PARTIDO DEMOCRATA CRISTÃO

PRT - PARTIDO REPUBLICANO TRABALHISTA

PSP - PARTIDO SOCIAL PROGRESSISTA

PSB - PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO

PTN - PARTIDO TRABALHISTA NACIONAL

**PARA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA**

PSD - PARTIDO SOCIAL DEMOCRÁTICO

UDN - UNIÃO DEMOCRÁTICA NACIONAL

PR - PARTIDO REPUBLICANO

PRP - PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR

269 PTB - PARTIDO TRABALHISTA BRASILEIRO

PDC - PARTIDO DEMOCRATA CRISTÃO

PRT - PARTIDO REPUBLICANO TRABALHISTA

PSP - PARTIDO SOCIAL PROGRESSISTA

PSB - PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO

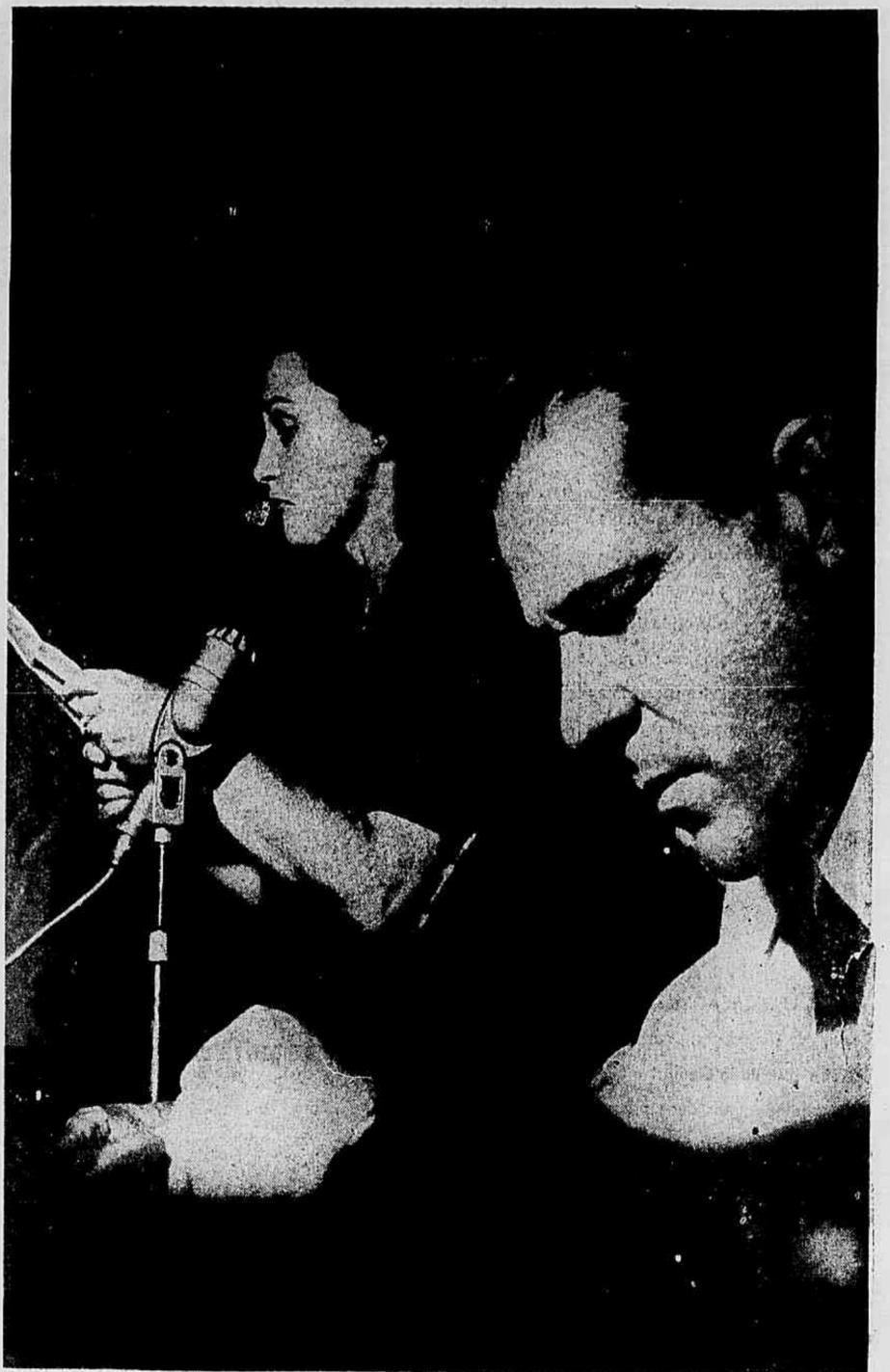
PTN - PARTIDO TRABALHISTA NACIONAL

# A Caminho do Alvorada



Começou assim

A primeira atuação de Henrique Teixeira Lott como candidato das forças nacionalistas, no dia em que deixou o Ministério da Guerra, representou uma poderosa manifestação popular. Um gigantesco desfile no coração do Rio deu início à campanha do candidato das forças democráticas, arrematando grandes massas no Braço Inteiro.



Dona Edna ajudou

A professora Edna Lott teve uma participação dinâmica na campanha em favor do candidato das forças nacionalistas. Ela percorreu o País de um extremo a outro, falando em centenas de comícios, em entrevistas à imprensa, ao rádio, à televisão. Simbolizou a participação da mulher brasileira na grandiosa cruzada nacionalista.

## NOVOS RUMOS



Fator decisivo

Prates não poupan esforços no sentido de esclarecer milhares e milhares de brasileiros sobre a posição dos comunistas em face aos dois candidatos: de apoio a Lott, candidato nacionalista, e contra Jânio, candidato entreguista.



Prenúncio de alvorada

O povo brasileiro jamais assistiu a uma tão intensa e apaixonante campanha eleitoral. Porque jamais estiveram tão claramente delimitados os campos em luta: o das forças nacionalistas e democratas, com Lott, Jango e Sérgio Magalhães, e o das forças entreguistas e reacionárias, das quais Jânio e Lacerda são as figuras de proa. A demagogia janista não prevaleceu: tentou ele obter o apoio dos comunistas e passou a atacar os comunistas depois de repellido. Os comunistas ficaram ao lado das forças antientreguistas de Jânio e Lacerda.